

revista
e



mensal | agosto de 2022

nº 2 | ano 29



[/sescsp.org.br/revistae](https://www.facebook.com/sescsp.org.br/revistae)

revistae@sescsp.org.br

Distribuição gratuita | Venda proibida



JUVENTUDES EXPRESSAS | GOTAS QUE VALEM OURO | ESTILHÇOS DE MEMÓRIAS | FLÁVIO DE CARVALHO | DAVI KOPENAWA
| ESTRADAS LITERÁRIAS | LÍNGUA, DISCURSOS E DIVERSIDADE | IEDA MAGRI | RENATO MALUF | RAFAEL GHIRARDELLO



12 A 28 DE AGOSTO 2022

**CIRCUITO
Sesc
de ARTES**

**ARTE NA RUA
PARA TODAS AS PESSOAS**

WWW.SESCSP.ORG.BR/CIRCUITOSESCDEARTES



118 CIDADES

**MÚSICA, TEATRO, DANÇA, CIRCO,
LITERATURA, CINEMA, ARTES VISUAIS
E TECNOLOGIAS EM ATIVIDADES
GRATUITAS NA SUA CIDADE!**

Apoio

Sindicatos do Comércio,
Serviços e Turismo
Prefeituras Municipais

Realização

Sesc



Foto: Matheus José Maria

A capa deste mês é ocupada pelo registro fotográfico da intervenção *Ponto final, ponto seguido*, realizada por Uýra Sodoma durante a programação do FestA! – Festival de Aprender, série de ações que incentivou o potencial criativo do público entre 9 e 17 de julho deste ano, em todas as unidades do Sesc São Paulo. Durante essa performance, a artista visual indígena, que também é bióloga e arte-educadora, transformou a praça externa do Sesc Vila Mariana para ativar ressurgimentos de vida e protestar contra as materialidades e os imaginários coloniais que cobrem de asfalto as terras, memórias, águas e florestas. Ainda em julho, *A Árvore que Anda*, como se autodefine Uýra, desembarcou com *Ponto final, ponto seguido* em Pristina, no Kosovo, durante a MANIFESTA! Bienal Nômade Europeia. Conheça o trabalho da artista: www.instagram.com/uyrasodoma.

Você também pode ler a Revista E em tablets e smartphones

Baixe o aplicativo do Sesc São Paulo e confira as reportagens e entrevistas, além de vídeos, áudios e imagens.

App Store Google Play

Download gratuito para Android e iOS

Presença e troca

Em quase oito décadas de atuação no Brasil, e presente em todo o estado de São Paulo por meio de suas unidades operacionais, o Sesc – Serviço Social do Comércio oferece ampla e contínua programação nos campos da cultura, dos esportes, do lazer, do turismo, da saúde e da alimentação, impactando os territórios em que atua com atividades diversificadas e troca de ideias e conhecimento. Trabalha, dessa forma, no sentido de estimular as participações cidadãs, trazendo benefícios para todos os envolvidos.

Em São Paulo, segue em seu propósito de contribuir para a promoção da qualidade de vida e bem-estar social e de criar condições para que se garanta a valorização das relações interpessoais dos trabalhadores do comércio, serviços e turismo – de seus familiares, bem como de toda a comunidade atendida.

Em 2022, ano em que completa seu 76º aniversário, o Sesc São Paulo volta a realizar presencialmente a programação que precisou se adaptar durante os dois primeiros anos da pandemia, como grandes festivais e mostras em diversas linguagens. A retomada das ações culturais, de lazer, esporte e alimentação em espaços físicos, assim como a continuidade da presença do Sesc no ambiente digital, reforçam o conceito norteador da instituição de fomentar conhecimento, contribuindo para a melhoria da vida em sociedade.

ABRAM SZAJMAN

Presidente do Conselho Regional do Sesc no Estado de São Paulo

Jovens lideranças

Um dos grandes desafios para se pensar em iniciativas que visam colaborar para a coesão social por meio da ação socioeducativa é o engajamento dos jovens. Trata-se de um grupo que merece um olhar especial, na medida em que sobre ele recai um inegável risco de vulnerabilização, ainda mais considerando o tamanho dessa população: hoje, o Brasil é lar de quase 50 milhões de pessoas com idade entre 15 e 29 anos. Isso significa um quarto do país, segundo dados do último relatório do Atlas das Juventudes, plataforma de trabalho para quem atua na formulação e implementação de políticas públicas, estratégias, programas e projetos para esse público.

O Sesc São Paulo, que também compartilha dessa inquietação, tem acompanhado, ao longo dos anos, as mutações sociais que impactam essa fase da vida, em especial por meio do Programa Juventudes. Especialistas ouvidos pela reportagem desta edição da *Revista E* analisam o cenário atual como uma janela de oportunidades, um momento de grande potencial para o desenvolvimento do país, já que estamos convivendo com uma geração de jovens protagonistas que estão promovendo grande impacto em seus territórios e na sociedade como um todo, tendo em mãos a arte como ferramenta de expressão, comunicação e transformação.

A primeira infância também tem vez nas páginas deste mês, numa reportagem sobre a importância da amamentação como suporte de saúde e vínculo entre mães e bebês. A alimentação ainda é tema da seção *Encontros*, com o pesquisador Renato Maluf alertando que a fome no Brasil tem rosto e está relacionada a gênero, raça e idade. Além disso, o *Depoimento* compartilha a fala do líder Yanomami e escritor Davi Kopenawa sobre preservação da cultura dos povos indígenas e luta pela proteção da Amazônia. Na *Gráfica*, um passeio pelas obras do artista Eustáquio Neves, que reivindica, em seu trabalho, o lugar histórico dos afrodescendentes, a partir de imagens que se desdobram em camadas de críticas sociais.

E tem muito mais nas próximas páginas. Boa leitura!

DANILO SANTOS DE MIRANDA

Diretor do Sesc São Paulo



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SESC
Administração Regional no Estado de São Paulo
Av. Álvaro Ramos, 991 - Belenzinho

CONSELHO REGIONAL DO SESC DE SÃO PAULO

Presidente: Abram Abe Szajman

Diretor Regional: Danilo Santos de Miranda

Efetivos:

Aguiinaldo Rodrigues da Silva, Benedito Toso de Arruda, Célio Simões Cerri, Dan Guinsburg, Jair Francisco Mafra, José Carlos Oliveira, José de Sousa Lima, José Maria de Faria, Manuel Henrique Farias Ramos, Marco Antonio Melchior, Marcos Nóbrega, Milton Zamora, Paulo João de Oliveira Alonso, Paulo Roberto Gullo, Rafik Hussein Saab, Reinaldo Pedro Correa, Rosana Aparecida da Silva e Valterli Martinez

Suplentes:

Aldo Minchillo, Alice Grant Marzano, Amilton Saraiva da Costa, Antonio Cozzi Júnior, Costabile Matarazzo Junior, Edgar Siqueira Veloso, Edison Severo Maltoni, Edson Akio Yamada, Laércio Aparecido Pereira Tobias, Omar Abdul Assaf, Sérgio Vanderlei da Silva, Vítor Fernandes e William Pedro Luz

REPRESENTANTES DO CONSELHO REGIONAL JUNTO AO CONSELHO NACIONAL

Efetivos:

Abram Abe Szajman, Ivo Dall'Acqua Júnior e Rubens Torres Medrano

Suplentes:

Álvaro Luiz Bruzadin Furtado, Francisco Wagner de La Torre e Vicente Amato Sobrinho

CONSELHO EDITORIAL

Revista E

Adauto Fernando Perin, Adriana Natalia da Cruz Vicente, Adriano Ladeira Vannucchi, Aline Moraes de Souza, Aline Ribenboim, Aline Silva de Oliveira, Ana Cristina de Souza, Ana Paula Feitosa, Ana Paula Fraay Moyses Henriques, André Luiz Santos Silva, Camila Freitas Curaca, Carolina Balza, Celia Hanashiro, Cinthya de Rezende Martins, Claudia Regina de Souza, Dalmir Ribeiro Lima, Daniel Tonus, Daniela Cullen, Darci de Souza Silva, Dayane Batista Euzebio Tavares, Denise Andreo, Estevão Denis Silveira, Flavia Rejane Prado, Geraldo Cruz e Silva Neto, Gislene Lopes Oliveira, Gustavo Henrique Prevatto Zani, Heloisa Pinto Uruahy, Igor Cardoso do Prado, Irene Vitoria Caldeira de Souza, Ivan Lucas Araújo Røfisen, Jacy Helena Almeida Silva, Joane de Jesus Nunes, Julia Parpulov Augusto dos Santos, Juliana Grotti Vidal Torres, Karen Leal da Silva, Karla Priscila Vieira Carrero, Kelly dos Santos, Ligia Helena Ferreira Zamaro, Lilian Vieira Ambar, Luciana Cassiano Machado C Gonçalves, Marcel Antonio Verrumo, Marcia Aparecida Bonetti Agostinho Sumares, Marcia Rehem de Macedo Drabek, Marcio Gouveia Franca, Marcos Tadeu Camargo da Silva, Maria Fabiana Ferro Guerra, Mariana Barbosa Meirelles Ruocco, Mariana Januario Lilli, Mariana Lins Prado, Mariana Thalacker, Marina Reis, Marina Tamy Asoo, Milena Prinholato, Monique Mendonça dos Santos, Paco Sampaio, Priscila de Almeida Galli e Souza, Rafaela Ometto Berto, Raquel Machado Fernandes, Renan Cantuario Pereira, Renata Barros da Silva, Rodrigo Rodrigues Griggio, Romeu Marinho C. Ubeda, Silmara Lobo Ortega, Tamara Demuner, Tatiara Melo de Souza, Thais Ferreira Rodrigues, Thais Rezende Suraty Cassiano, Thays Cabette Barbosa Alves, Valeria Mantovani de Andrade Alves, Vanessa Zaidan dos Santos, Veridiana Blanco de Molfetta, Vítor Penteadro Franciscon, Vivian Marina Redi Pontin, Viviane Alves Ramos Lourenço, Wagner Dini de Castro

Coordenação Geral:

Ivan Paulo Giannini

Editora Executiva: Adriana Reis Paulics • **Direção de Arte e Diagramação:** Ariane Ramos de Azevedo • **Ilustrações:** Luyse Costa • **Edição de Textos:** Adriana Reis Paulics e Maria Julia Lledó • **Revisão de textos:** Pedro P. Silva • **Edição de Fotografia:** Adriana Vichi • **Repórteres:** Luna D'Alama, Manuela Ferreira e Maria Julia Lledó • **Coordenação Executiva:** Marcos Ribeiro de Carvalho e Fernando Fialho • **Coordenação Editorial Revista E:** Adriana Reis Paulics, Guilherme Barreto e Marina Pereira • **Propaganda:** Daniel Tonus, José Gonçalves Júnior e Renato Perez de Castro • **Arte de Anúncios:** José Gonçalves Júnior • **Supervisão Gráfica:** Rogério Ianelli • **Finalização:** Ariane Ramos de Azevedo • **Criação Digital Revista E:** Ana Paula Fraay • **Circulação e Distribuição:** Jair Moreira

Jornalista Responsável: Adriana Reis Paulics MTB 37.488

A *Revista E* é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da **Superintendência de Comunicação Social.**

Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Esta publicação está disponível no site:

sescsp.org.br

SUMÁRIO

18



Foto: Alexander Oliveira

JOVENS

Linguagens artísticas são poderosas ferramentas para a EXPRESSÃO das juventudes em seus territórios de atuação

12



Foto: Divulgação

ENTREVISTA

Jornalista e escritora portuguesa ISABEL LUCAS fala sobre como a literatura pode servir de mapa para se conhecer um país

26

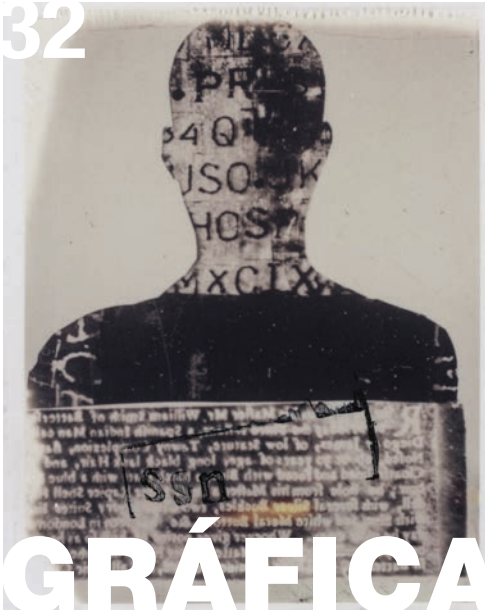


Sem título, sem data. Tinta acrílica fluorescente sobre papel (Cobogão) Bruno Krasilchik

PERFIL

Vida e obra do artista FLÁVIO DE CARVALHO comprovam versatilidade desse que foi um dos mais originais criadores surgidos após a Semana de Arte Moderna

32



Série Boca aparência #6, 2000. Fotografia com técnica mista/Eustáquio Neves

GRÁFICA

Camadas visuais e narrativas nas fotografias de EUSTÁQUIO NEVES reivindicam lugar histórico da população de afrodescendentes no Brasil

78



Foto: Adriana Vichi

ALMANAQUE

Encontro marcado com a POESIA nas ruas e espaços públicos da cidade, em cursos, intervenções, *slams* e em indicações de leitura

52



Foto: Pixabay

ALIMENTAÇÃO

No mês em que se celebra a SEMANA MUNDIAL DO ALEITAMENTO MATERNO, quais os desafios e a importância da amamentação para a saúde e o vínculo entre mães e bebês?

- 9 DOSSIÊ
- 58 EM PAUTA
LÍNGUA, DISCURSOS E DIVERSIDADE
- 64 ENCONTROS
RENATO MALUF
- 68 DEPOIMENTO
DAVI KOPENAWA
- 72 INÉDITOS
IEDA MAGRI
- 86 P.S.
RAFAEL GHIRARDELLO



Kaique Narciso

Trabalha no setor de Tecnologia da Informação e Comunicação

Ele almoça na comedoria do Sesc Vila Mariana



Acesse e saiba como fazer a sua Credencial Plena



www.sescsp.org.br/credencialplena

Com a Credencial, você e sua família terão acesso prioritário a todas as atividades do Sesc em todo o Brasil.

Faça como o Kaique! Se você trabalha na área de comércio de bens, serviços ou turismo, você tem direito à **Credencial Plena** do Sesc, gratuitamente.

VIVA O CURUMIM!

PROGRAMA DO SESC SÃO PAULO COMPLETA 35 ANOS VALORIZANDO O BRINCAR E AS RELAÇÕES CONSTRUÍDAS A PARTIR DE INTERAÇÕES ENTRE AS CRIANÇAS

Derivada do tupi (*kunumim*), a palavra *curumim* é usada para designar as crianças indígenas, e é também o nome que batiza, desde 1987, o programa socioeducativo gratuito do Sesc São Paulo dedicado a receber crianças, na faixa dos 7 aos 12 anos, no contraturno escolar. Com 35 anos de vida, o Curumim é pautado no diálogo e na construção coletiva, e atende hoje cerca de 2.400 crianças inscritas em todo o Estado de São Paulo.

As crianças são acompanhadas por uma equipe de educadoras e educadores, atualmente formada por 140 profissionais de diferentes formações. A partir de atividades lúdicas e de diversas linguagens, os participantes – em 32 unidades da capital, Grande São Paulo, do interior e litoral – têm espaço para desenvolver diferentes formas de expressão, fortalecer a autoestima, exercitar o pensamento crítico e a solidariedade e, dessa forma, tornarem-se cidadãos mais conscientes. As crianças recebem, ainda, refeições e atendimento odontológico.

“O Programa Curumim tem como pilares centrais o protagonismo, a experimentação, a cooperação, a convivência, a autonomia e a ludicidade, pois o ser humano é um brincante por

natureza. A brincadeira está presente na nossa vida em vários formatos, permeia o convívio social e promove o desenvolvimento das pessoas. E é na infância que o brincar se torna fundamental, porque dessa forma as crianças vão experimentando o mundo e se conhecendo”, explica Maria Augusta Maia de Araújo, assistente técnica da Gerência de Estudos e Programas Sociais, responsável pelo Curumim no Sesc São Paulo.

Ao longo das últimas três décadas, essa ação foi se adequando para atender a demandas sociais, criou seu próprio caminho e fez parte da trajetória de milhares de estudantes. “Hoje, ser curumim é muito mais que uma ação no presente: é um sentimento, uma identidade que marca gerações de crianças, mães, pais, educadoras e educadores, complementa Maria Augusta.

Agora, prestes a se estender para a 33ª unidade do estado, o Sesc Thermas de Presidente Prudente, o Curumim reforça seu compromisso de colaborar para a formação de indivíduos que percebam e valorizem a potência da educação como um fazer diário. Conheça essa história e confira os destaques da programação deste mês em: www.sescsp.org.br/curumim.



Conferência Curumim, 2019/
Foto: Matheus José Maria

HOJE, SER CURUMIM
É MUITO MAIS QUE
UMA AÇÃO NO
PRESENTE: É UM
SENTIMENTO, UMA
IDENTIDADE QUE
MARCA GERAÇÕES
DE CRIANÇAS, MÃES,
PAIS, EDUCADORAS E
EDUCADORES

**MARIA AUGUSTA MAIA
DE ARAÚJO,**
assistente técnica da Gerência
de Estudos e Programas Sociais
do Sesc São Paulo



Ação de observação
de pássaros com
participantes do programa
Curumim do Sesc Jundiaí.

TRAJETOS HISTÓRICOS

O Sesc São Paulo participa da 8ª edição da Jornada do Patrimônio, evento promovido pela Secretaria Municipal de Cultura da capital paulista nos dias 20 e 21 de agosto. Com o tema *Tão perto, tão longe*, a programação deste ano evidencia a memória social e o patrimônio de diferentes grupos sociais da cidade, sobretudo os de regiões não centrais, e contará com a visita a pontos históricos e de interesse cultural. Nove unidades do Sesc São Paulo integram a iniciativa, além do Sesc Digital e SescTV. Destaque para alguns dos roteiros que compõem a programação: *Fábrica de Cimento Portland Perus - Trilha Memória Queixada* (Pinheiros), *(P)Artes do Bairro da Luz – Um Passeio Artístico pela Região* (Bom Retiro) e *Ancestralidade Negra na Borda Leste da Pauliceia* (Itaquera/FOTO). Além dos passeios, estarão disponíveis para impressão, na plataforma Sesc Digital, os cartazes *Tão perto, tão longe*, com ilustrações da artista Marília Marz. Também haverá exibição de *Monumentos*, série sob demanda do SescTV, que propõe aguçar o olhar e a sensibilidade do público para uma leitura dos mais diferentes vestígios do passado. Veja os detalhes: www.sescsp.org.br/jornadopatrimonio

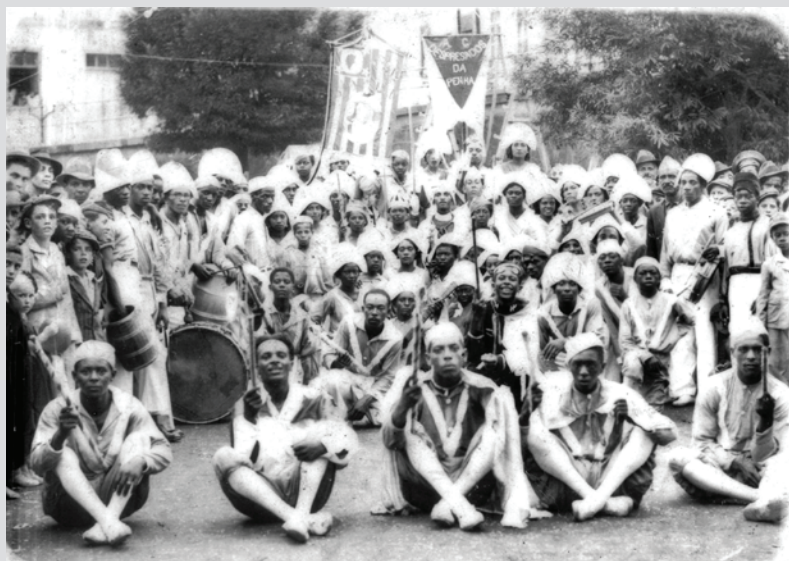


Foto: Acervo Família Casemiro

DE VOLTA A SUCUPIRA

Cinco anos após a estreia do musical *Roque Santeiro* na capital paulista, outra obra do autor baiano Dias Gomes (1922-1999) – cujo centenário de nascimento será comemorado em outubro – ganha uma versão musicada: *O Bem-Amado*. O espetáculo estreia dia 5/08, no Sesc Santana, e faz temporada até 11/09, de sexta a domingo, com direção de Ricardo Grasson, produção de Rodrigo Velloni e canções inéditas de Zeca Baleiro e Newton Moreno. Nessa comédia satírica, o ator **Cássio Scapin** assume o papel do protagonista Odorico Paraguaçu, prefeito populista e corrupto da fictícia cidade de Sucupira. *O Bem-Amado* se tornou uma obra conhecida pelo grande público após sucesso como telenovela (a primeira exibida em cores no país) em 1973, com Paulo Gracindo (1911-1995) no papel principal. Mais informações: www.sescsp.org.br/santana



Ilustração: Walter Cruz

ESPORTE EM SALA DE AULA

Começa neste mês o *Curso Sesc de Gestão do Esporte: Diversidade, cultura e lazer*, realizado em formato híbrido pelo Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo - CPF, no período de 13 de agosto de 2022 a 1º de abril de 2023. Dividido em três núcleos temáticos (*Esporte, lazer e sociedade*, *Esporte e diversidade cultural* e *Gestão do esporte*), o curso busca a qualificação de gestores de organizações públicas, privadas sem fins lucrativos e da sociedade civil. Ao longo de sete meses e meio, o conteúdo abre um caminho de possibilidades para a produção e organização do conhecimento sobre a gestão do esporte, com enfoque na diversidade cultural e no lazer. As inscrições, já esgotadas, ocorreram entre maio e junho. Mais informações: bit.ly/gestao-esporte



Foto: Renato Guitierrez



Em cartaz no Sesc Santo Amaro de 20/08 a 18/12, a exposição multimídia *Rios DesCobertos – dos Jerivás aos Pinheiros* apresenta a história do rio Pinheiros e seu importante papel no processo de urbanização da cidade de São Paulo, bem como na formação da identidade e da memória afetiva dos paulistanos. A partir de instalações, mapas, maquetes, projeções e depoimentos, a mostra propõe uma experiência sensorial e lúdica. Confira: www.secscsp.org.br/santoamaro

Foto: Centro
Pró-Memória
Hans Nobiling

PLANETA EM PAUTA

Considerado um dos mais importantes eventos audiovisuais sul-americanos dedicados à pauta socioambiental, a *Mostra Ecofalante de Cinema* chega à sua 11ª edição com ações gratuitas, como sessões de filmes, bate-papos e atividades paralelas (presenciais e online), que seguem até 17/08. Realizada anualmente desde 2012, a mostra oferece ainda uma programação especial no Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo - CPF: o seminário gratuito *Cinema, Educação e Sustentabilidade*, de 22 a 26 de agosto, que tem como objetivo debater o uso do cinema na educação enquanto dispositivo gerador de reflexões e ações para a sustentabilidade. Nesses cinco dias, das 19h às 21h30, os inscritos participam, em ambiente virtual, de duas *master classes*, palestras e mesas de debate com Paulo Artaxo, Raquel Rolnik, Juma Xipaia, Luiz Bolognesi, entre outros convidados. Mais informações e inscrições: www.centrodepesquisaeformacao.secscsp.org.br, www.ecofalante.org.br e play.ecofalante.org.br.



Foto: Instituto Juma/Divulgação



Foto: Divulgação

Estradas literárias

ESCRITORA E JORNALISTA PORTUGUESA DEFENDE QUE
A LITERATURA PODE SERVIR DE MAPA PARA SE CONHECER UM PAÍS

Para Isabel Lucas, escritora e jornalista nascida em Portugal, havia uma biblioteca na ida e outra na volta de sua viagem ao Brasil. Isso porque, instigada a conhecer e a escrever sobre o país, tomou como mapa a leitura de obras brasileiras consagradas – como *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha – e contemporâneas – a exemplo de *Dois Irmãos* (2000), de Milton Hatoum –, mas também de outras que com ela retornaram na bagagem para a Europa. Ao longo de quase um ano, Isabel percorreu diferentes regiões do país, conheceu rincões e capitais, conversou com habitantes e também com escritores locais. Desse trabalho, publicado em 12 ensaios-reportagens pelo jornal lusitano *Público* e pelo jornal literário brasileiro *Pernambuco* entre 2019 e 2020, nasceu o livro *Viagem ao país do futuro* (Cepe, 2021). Ainda que seguisse um modelo parecido ao livro anterior – *Viagem ao sonho americano* (Companhia das Letras, 2017), resultado de leituras e viagens pelos Estados Unidos à época da eleição de Donald Trump –, essa segunda incursão tinha outro gosto. Seria a chance de se aproximar do país sobre o qual havia lido em obras de Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade e Adélia Prado. “Se me perguntar o que é o Brasil, eu continuo sem uma resposta, mas há um conjunto de imagens, de sensações, de ambientes que me surgem como inerentes ao Brasil. A minha percepção do país e da sua realidade mudou. Também não sei dizer o que é Portugal, e nasci lá, cresci lá. Sem querer comparar, sinto-me a chegar mais perto do Brasil. E tudo porque segui e continuo a seguir a sua literatura como grande auxiliar para fazer perguntas”, disse à *Revista E*, enquanto esteve na cidade de São Paulo para participar da 26ª edição da Bienal Internacional do Livro, em julho. Nesta *Entrevista*, a jornalista e escritora portuguesa fala sobre seu processo criativo, a influência do Brasil sobre sua escrita, e o encontro literário entre países lusófonos.

No processo de escrita de *Viagem ao país do futuro*, você disse em entrevistas que o Brasil lhe ensinou a fazer novas perguntas, e que entre elas estava: “Será que é possível entender um país por meio de sua literatura?”. Que resposta, ou respostas, você obteve desse questionamento?

Que é preciso continuar a fazer perguntas e essa busca dá sentido ao trabalho, à viagem. Isso pode ser feito através da literatura como através de outras artes, talvez, ou produções artísticas. Para mim, o mais natural é seguir a literatura. Ela vai me dando pistas de busca, de entendimento, provoca encontros, conversas e as respostas, mais do que qualquer coisa definitiva, manifestam-se no modo como vou olhando para as coisas de uma nova forma, mais familiar, menos estranha, mais íntima. Não é qualquer coisa de muito palpável. Se me perguntar o que é o Brasil, eu continuo sem uma resposta, mas há um conjunto de imagens, de sensações, de ambientes que me surgem como inerentes ao Brasil. A minha percepção do país e da sua realidade mudou. Também não sei dizer o que é Portugal, e nasci lá, cresci lá. Sem querer comparar, sinto-me a chegar mais perto do Brasil. E tudo porque segui e continuo a seguir a sua literatura como grande auxiliar para fazer perguntas.

Quais outras interrogações ficaram sem respostas depois desse período em que viajou de norte a sul do Brasil?

Muitas. Quanto mais perguntas faço, mais perguntas surgem. O que é o Brasil? O que é ser brasileiro? Não espero encontrar uma resposta, mas ao fazer essas perguntas imensas chegam-me outras coisas. Sei agora qual é o sabor do acarajé. Sei o que são as ruas de uma favela. As grades à volta das janelas, as câmaras [quartos] em condomínios de luxo, a gíria da periferia de São Paulo, o modo como os indígenas se relacionam com o tempo. O *slam*, o *rap*, os sons que falam de um novo Brasil que ainda está pouco nos livros. O poder de uma figura como [Arthur] Bispo do Rosário. E sei que a descoberta não terá fim.



E como seu contato com escritores brasileiros já consagrados e outros contemporâneos, bem como a proximidade com a diversidade de palavras e de expressões da língua portuguesa falada no Brasil afetaram sua escrita e o modo como você passou a enxergar nosso país?

Foram alterando sem que eu desse muito por isso. Naturalizaram-se na minha forma mais descontraída de escrever.

Muitas palavras deixaram de ser estranhas. Tantas, que passaram a fazer tanto sentido. Mais do que nunca, vejo a língua portuguesa como uma coisa muito rica, maleável e adaptável. E tanto mais será assim quanto mais deixar incluir nela palavras e expressões que antes não tinha, mas passaram a dar-lhe maior vitalidade. O português tem o contributo de todos os seus falantes em todas as geografias.

Na sua opinião, a frase do escritor austríaco Stefan Zweig que abre seu livro *Viagem ao país do futuro* – “Eles sabem que sua verdadeira tarefa está no futuro” –, referindo-se ao Brasil, está mais para um fato ou para uma provocação?

Continua a ser desafio e provocação. O futuro pode ser um mito quando assim aplicado, da mesma forma que o sonho está para a América. Correr atrás do sonho ou atrás do futuro faz parte dessa espécie de desígnio que também transporta o seu contrário: ou seja, o peso do passado em relação ao Brasil, essa ideia sempre adiada de país com ou do futuro, ou o pesadelo como contraponto ao sonho.

Por compartilhar dois ofícios, o de jornalista e o de escritora, quando termina a escrita jornalística e começa a escrita literária? Ou ambas se fundem no seu texto?

Eu sinto-me e defino-me como jornalista e sou uma jornalista que escreve. Esse é o meu meio mais comum de comunicar. Tento fazê-lo da melhor forma com as ferramentas que tenho ao mesmo dispor. Não me tecer considerações sobre se a minha escrita é mais ou menos literária. Ela é assim porque eu escrevo assim. E vai mudando sem que eu me aperceba muito, porque

eu também vou mudando, e o meu olhar muda. Não há o fim de uma coisa e o começo de outra. Sinto isso como qualquer coisa muito orgânica.

MAIS DO QUE NUNCA, VEJO A LÍNGUA
PORTUGUESA COMO UMA COISA MUITO
RICA, MALEÁVEL E ADAPTÁVEL

Qual a sua opinião sobre esses encontros literários entre países lusófonos que vêm acontecendo com mais frequência nos últimos 20 anos? Há características em comum na literatura lusófona, independentemente das peculiaridades que marcam as distintas realidades de países como Brasil, Portugal, Moçambique e outros de língua portuguesa?

Acho os encontros fundamentais. Não só pelas conversas e trocas que surgem de forma mais institucional, nas mesas de discussão, lançamentos de livros, palestras, encontros com os leitores etc., mas nas conversas paralelas onde de fato se estreitam laços e surgem ideias de eventuais projetos. Não é o mesmo fazer encontros virtuais do que estar em contato mais direto. Neles se descobrem essas diferenças que fazem parte da nossa singularidade, não apenas enquanto literaturas nacionais – não penso muito nesse sentido –, mas na singularidade de cada universo literário pessoal, que inclui circunstâncias culturais, territoriais, linguísticas, sociais, religiosas etc. A literatura em língua portuguesa é feita desse plural. Em ambientes que promovam o encontro de livros e de autores, essas diferenças, essas singularidades ficam mais evidentes e aproximam, no sentido da promoção do diálogo, da troca, da aceitação do outro enquanto alguém que usa a mesma língua transportando nela a sua fala, a sua escuta, o seu lugar.

De que modo eventos como a Bienal Internacional do Livro, da qual você participou neste ano, contribuem para o fomento de obras literárias diversas e também para a formação de leitores?

Promovendo a conversa na diferença, não deixando as pessoas fechadas nas suas bolhas criativas, de opinião, de argumentação. Nesses espaços, cada um saberá encontrar o lugar que melhor lhe compete nessa troca. A literatura é, acima de tudo, esse lugar de criação livre.

O QUE É O BRASIL?

O QUE É SER BRASILEIRO?

NÃO ESPERO ENCONTRAR UMA RESPOSTA



Foto: Divulgação

Quais os desafios na formação de novos leitores numa sociedade tão pautada pela velocidade da comunicação e por plataformas digitais, nas quais predominam vídeos, fotos e textos curtos?

Manter o livro acessível, fazer com que ele possa ser encontrado. Não se força ninguém à leitura. Talvez ela continue a ser um lugar de nichos. Em tempos de grande dispersão, é difícil encontrar a concentração para as obras de grande fôlego. Mas, elas também nunca foram populares. O ideal seria que não se ficasse pela superfície das coisas. A leitura é um dos meios mais eficazes para promover o aprofundamento, o conhecimento, a compreensão. Daí o livro ter de estar à mão. Digital, em papel, não importa. Acessível a toda a gente, um objeto democrático e promotor de democracia. ■

3 DICAS DE LIVROS, por Isabel Lucas

Conheça algumas obras indicadas pela escritora e jornalista Isabel Lucas: “São descobertas recentes que me chegaram enquanto estava em São Paulo. Alguns novos, outros com história já na literatura de ambos os países”, compartilha.

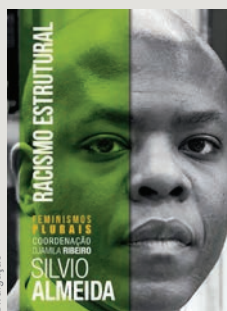


Divulgação

Solo para Vialejo (Cepe, 2019), de Cida Pedrosa

Vencedor na categoria Poesia e considerado o livro do ano pelo Prêmio Jabuti 2020, esta obra escrita pela pernambucana Cida Pedrosa retrata memórias do povo negro e indígena no sertão brasileiro e chama a atenção pela musicalidade do poema.

“PELA BUSCA DAS PALAVRAS CERTAS PARA FALAR DE UM TERRITÓRIO E DE SENTIMENTOS NA MARGEM. É SOBRE UM MUNDO REMETIDO AO SILÊNCIO. COMO COMUNICÁ-LO?”



Divulgação

Racismo Estrutural (Jandaíra, 2019), de Silvio Almeida

Nos anos 1970, Kwame Turu e Charles Hamilton, no livro *Black Power*, apresentaram pela primeira vez o conceito de racismo institucional: muito mais do que a ação de indivíduos com motivações pessoais, o racismo está infiltrado nas instituições e na cultura, gerando condições deficitárias, *a priori* para boa parte da população. É a partir desse conceito que o autor, filósofo e professor paulista Silvio Almeida apresenta dados estatísticos e discute como o racismo está na estrutura social, política e econômica da sociedade brasileira.

“PELA LUCIDEZ E CONHECIMENTO COM QUE FALA DE UM DOS PROBLEMAS MAIS PREMENTES DO BRASIL.”



Divulgação

A Anomalia Poética (Chão de Feira, 2019), de Silvina Rodrigues Lopes

Nos 11 ensaios que compõem este livro escrito pela ensaísta portuguesa e teórica da literatura Silvina Rodrigues Lopes, a literatura é pensada para além de normas e teorias. Para isso, é preciso não recusar a sua força, ou ainda, não apagar aquilo que na literatura é anomalia, irregularidade.

“UM LIVRO SOBRE A IDEIA DE FICÇÃO ENQUANTO TESTEMUNHO E A POTÊNCIA DA LITERATURA ENQUANTO MODO DE PENSAR, DE REFLETIR SOBRE O MUNDO.”

Foto: Freepik

Lançamento
Selo Sesc



CLARICE CLARÃO

BEATRIZ AZEVEDO E MORENO VELOSO

Beatriz e Moreno interpretam canções originais e trechos da obra de Clarice Lispector.

Participações de Jaques Morelenbaum e Marcelo Costa, além de textos da escritora declamados por Maria Bethânia.

SHOWS DE LANÇAMENTO

Sesc Avenida Paulista

3 e 4 de agosto | 20h30

Sesc Campinas

5 de agosto | 20h

DISPONÍVEL NAS PLATAFORMAS

Sesc
digital



selo
Sesc

Visite a loja virtual e
conheça o catálogo completo
sescsp.org.br/loja



/selosesc

JUVENTUDES EXPRESSAS

DIFERENTES
LINGUAGENS
ARTÍSTICAS DÃO
VAZÃO À EXPRESSÃO
E AO POTENCIAL
CRIATIVO DE JOVENS
NOS TERRITÓRIOS
QUE OCUPAM



A Companhia Solilóquios realizará a oficina *Construção de Personagens* no Sesc 24 Maio, pela programação da ação *Juventudes: Arte e Território*, do Sesc São Paulo.



Nunca houve um número tão grande de jovens no Brasil. Hoje, nosso país é lar de quase 50 milhões de pessoas com idade entre 15 e 29 anos, ou seja, um quarto da população, segundo dados do último relatório do **Atlas das Juventudes**, que conta com o apoio de universidades, institutos e organizações não governamentais. Mas, o que esse número quer dizer? Especialistas acreditam que o atual cenário precisa ser visto como uma janela de oportunidades. Ou seja, um momento de grande potencial para o desenvolvimento do país, já que se trata de uma geração de protagonistas que já estão promovendo impactos sobre a sociedade, tendo em mãos a arte como ferramenta de expressão, comunicação e transformação.

“A arte é a principal expressão dos seres humanos quando esses conseguem se livrar das amarras das necessidades materiais. Ainda que em condições adversas e com menor estrutura, os jovens moradores das periferias urbanas têm realizado um leque imenso de produções artísticas, que revelam muitos papéis possíveis da arte, desde a expressão sensitiva e humana, passando pelo combate à violência, à possibilidade de geração de renda e até como formulação política”, observa Tiaraju Pablo D’Andrea, professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp/Campus Zona Leste) e da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP).

Autor do livro *A formação das sujeitas e dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo* (Dandara, 2022), Tiaraju ainda frisa que “por meio de distintas expressões artísticas, os jovens conseguem comunicar seus desejos subjetivos e também denunciar suas dificuldades objetivas”.

DESCOBERTA E PERTENCIMENTO

Foi assim para a produtora e articuladora cultural Victoria Madeiro, que já realizou curadorias para festivais periféricos, idealizou eventos como o CarnaGeek e o Festival do Passinho, e atuou em outras produções, como o Mês do Hip Hop. A escolha por esse caminho profissional se deu de maneira natural, já na infância, na Cidade Tiradentes, Zona Leste de São Paulo, pela influência dos irmãos mais velhos – músicos autodidatas que tocavam cavaquinho e banjo num grupo de pagode –, e da irmã – passista de escola de samba. “Com sete ou oito anos, eu frequentava espaços públicos culturais, onde fiz capoeira, dança e teatro desde essa idade e aproveitei muito as políticas culturais da cidade, que foram imprescindíveis para a construção da pessoa que me tornei. Posteriormente, me inseri em políticas culturais voltadas para a formação nessa área”, compartilha.

Para Victoria, apesar da juventude ser considerada uma fase de descobertas e de “encontros consigo e com o mundo”, os jovens são descredibilizados. No entanto, pela arte, há a possibilidade de expressarem sentimentos e inquietações que não são ouvidos ou entendidos. “O fazer artístico impacta de forma

individual e coletivamente o ambiente onde esses jovens estão; dá esperança a eles; faz com que eles se sintam pertencentes e protagonistas. Para além disso, muitas vezes esse jovens são aqueles que movimentam a cultura local, a cultura da rua, do quarteirão, do bairro”, destaca a produtora, que é graduanda em Gestão de Políticas Públicas pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP), e produtora do projeto Cósmicas – Programa de Lideranças Femininas, do Instituto Tomie Ohtake, na capital paulista.

Tendo em vista esse potencial de reverberar mudanças, Victoria Madeiro ressalta que são muitas as juventudes e os territórios que elas ocupam. “Os jovens da periferia são diversos, a juventude da periferia não é uma e, por isso, as expressões são diversas, o jeito de comunicar é diverso. E essa gama de linguagens artísticas representa essa diversidade. As pessoas estão sempre em busca dos seus pares porque é desse modo que vão se criando coletivos, grupos e, assim, a linguagem ganha força e notoriedade naquele território.”



Foto: Matheus José Maria

Espaço Juventudes no Sesc Guarulhos.

AMPLIFICAR VOZES

Criada em 2018, no município de Ribeirão Preto, interior do estado de São Paulo, a Cia. Quadro Negro é resultado dessa “busca por pares”, de um reconhecimento no outro que também pertence ao seu território para, então, somar forças e talentos. A companhia é composta por artistas negros que já atuavam no teatro junto a jovens artistas negros recém-formados em projetos sociais e no curso técnico de Arte Dramática do Senac.

“O grupo surge a partir da necessidade de dar voz a pautas negras que não eram discutidas pelas artes cênicas, até então, na cidade. Mesmo com uma vasta produção teatral e sendo um dos polos dentro do estado de São Paulo, a quantidade de artistas negros atuando no teatro [em Ribeirão Preto] era ínfima”, destaca Washington de Paula, integrante da companhia, que também é formada por Camilla Teles, Deise Cardoso, Lorena Ramos, Noah Almeida, Precy e Romã Andrade.

Pelo caminho das artes cênicas, esses sete artistas deram vazão às próprias vozes e a de outras juventudes que também não se viam representadas no palco. E apesar de o grupo ainda “esbarrar na escassez de incentivo público para a realização de ações artísticas e culturais”, segundo a atriz Deise Cardoso, “os espetáculos e demais ações artísticas da Cia. Quadro Negro tiveram muitos desses jovens como público”. Jovens que não tinham o hábito de ir ao teatro ou, como constatou Deise, “não se sentiam pertencentes a esse espaço, ainda muito elitizado em nosso país”.

Ao longo dos últimos cinco anos de atuação, a companhia vê, na prática, que o teatro é uma ferramenta de transformação social. “Desde então, constantemente nos sentimos motivados a protagonizar uma arte que é denúncia. Os índices de violência não diminuíram, o racismo antes velado está escancarado; essas notícias são usadas e atualizadas no espetáculo *Húmus Corpos Invisíveis*”, exemplifica Precy. Dessa maneira, complementa, “demonstramos no palco quem somos, não escondemos nossos cabelos, nossa pele, nossos traços, e atingimos uma juventude que pode se enxergar ali, vendo representada sua cultura, seu bairro e suas histórias”.



Cena do espetáculo *Húmus Corpos Invisíveis*, da Cia. Quadro Negro, de Ribeirão Preto (SP).

Foto: João F. Tavares Kawassaki

LUGAR DE CULTURA

Segundo o professor e pesquisador Tiaraju Pablo D'Andrea, o contexto de violência na década de 1990 fez com que a arte produzida nas periferias ganhasse um impulso “como forma de pacificação e de reativação de um tecido social cada vez mais esgarçado”. “Nesse ponto, cabe ressaltar o papel que o movimento *hip hop*, os *saraus* e a literatura marginal tiveram entre o final da década de 1990 e a primeira década dos anos 2000”, contextualiza.

De lá para cá, com ou sem políticas públicas ou recursos privados, juventudes de diferentes territórios periféricos vêm se expressando artisticamente com meios que estão ao seu alcance, a exemplo de redes sociais, como o Instagram e o Facebook, e canais de vídeos, caso do YouTube [***leia matéria Juventudes Conectadas, publicada na Revista E nº 302, de dezembro de 2021***]. “Cabe lembrar, também, os impactos estéticos e o sentimento de pertencimento gerados por essa cultura periférica que, de fato, conseguiu mudar a imagem que a sociedade fazia das periferias. Se antes esses territórios só eram lembrados por violência e pobreza, hoje para pensar periferias, há que necessariamente se pensar em cultura”, destaca D'Andrea.

Fruto desse movimento cultural nas periferias, as batalhas poéticas conhecidas como *slams* tornaram-se espaço de expressão e de trocas entre juventudes, principalmente para reivindicação de oportunidades, como saúde, educação, cultura, e de visibilidade social. Movimento que teve início na década de 1980, nos

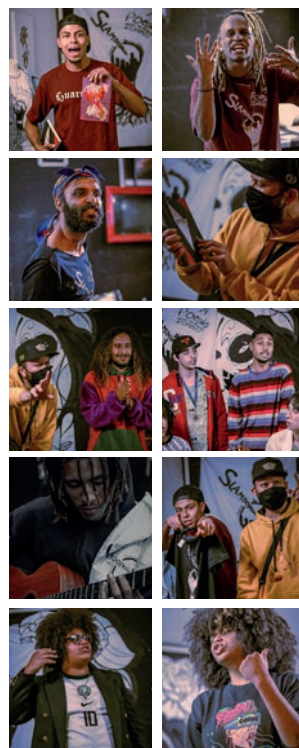
Estados Unidos, os *slams* desembarcaram em outros países do mundo, e em cada lugar apresentam suas particularidades, mas mantendo o corpo, a voz e a poesia como ferramentas.

Esse é o caso do Slam do Prego, criado por um grupo de jovens, em 2017, no município de Guarulhos (SP), atualmente formado por: Monique Helen da Silva (Amora), Victor Emanuel Araújo dos Santos (Nuel), Adams Pontes de Sá (Adams), Vitória Oliveira da Silva (Vicky), Walker Laurentino dos Santos (Duwalz), Wesley Rodrigues dos Santos (Doeste), Rodrigo de Souza Oliveira (Trefego) e Pedro Henrique de Melo Barbosa (Pedro). “O Slam do Prego é um espaço livre para que os poetas se expressem num cenário de fortes desigualdades sociais. Poucas vezes, grupos marginalizados e sob vulnerabilidade social têm essa oportunidade”, explica Nuel.

Dentre os versos declamados por *slammers* que participam do grupo, muitas são as visões porque muitas são as juventudes de Guarulhos, explica Nuel. Mas, diante de um cenário desigual, o verso do *slammer* Pedro fala por todos: *Situação caótica, momento de esperar/ Sim, a favela vive e o povo vai se revoltar/ Vamos cuidar dos nossos que o nosso dia vai chegar*. “Acreditamos ser possível combater a violência e a marginalização por meio da arte e queremos dar uma alternativa aos jovens periféricos, fazê-los acreditar que eles também são artistas”, complementa Nuel.



Foto: Dalua



Fotos: Vicki e Duwalz

Integrantes do Slam do Prego, que acontece em Guarulhos (SP).

Quem também passa esse recado é o youtuber Audino Vilão [leia boxe **Ampliar Horizontes**], que mantém um canal desmistificando conceitos “cabulosos” de filosofia. Em vídeo gravado para o Programa Juventudes do Sesc São Paulo, ele disse: “Ser jovem é você ir na bota do seu sonho, é você correr, é realizar seu sonho. É ter essa ‘responça’ e consciência de que nós podemos sonhar, perseguir os estudos e alcançar nossos objetivos.” Por fim, complementa o professor e pesquisador Tiaraju: “é inegável o impacto que esses artistas e coletivos trazem no que tange às opções de lazer e de fruição, bem como práticas educativas nos territórios populares.”

(Por Maria Julia Lledó)



Reprodução



Reprodução

JUVENTUDE 2030

Além de instituir o 12 de agosto como o Dia Internacional da Juventude, a Organização das Nações Unidas (ONU) vem reforçando entre seus países membros o compromisso com esta que é a maior geração de jovens da história mundial. Em setembro de 2018, a ONU lançou a estratégia Juventude 2030. O objetivo é que seja realizado um trabalho com e para os jovens de todo o mundo com base em três pilares: paz e segurança, direitos humanos e desenvolvimento sustentável em todos os contextos. Anterior a essa ação, a Agenda 2030 das Nações Unidas, criada em 2015, já identificava os jovens como agentes críticos de mudança social, econômica e global, e, portanto, todos os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) requerem a participação das juventudes, que representam a parcela da população mais afetada pela pobreza, desigualdade, desemprego e mudanças climáticas. Saiba mais: www.unyouth2030.com/about.



UN Photo/Mark Garten

Jovens representantes de diferentes países parceiros da ONU e o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres (ao centro), no lançamento da estratégia Youth 2030 (Juventude 2030), em setembro de 2018, na cidade de Nova York (EUA).

AMPLIAR HORIZONTES

SESC SÃO PAULO REALIZA AÇÃO COM PROGRAMAÇÃO VOLTADA À PLURALIDADE DAS JUVENTUDES, TERRITÓRIOS E LINGUAGENS ARTÍSTICAS

Criado em 2019, em comemoração ao Dia Internacional da Juventude (12 de agosto), a ação *Juventudes: Arte e Território* é realizada pelo Programa Juventudes, do Sesc São Paulo, com o intuito de valorizar a pluralidade de expressões artísticas de jovens. A iniciativa marca a presença e a potência das diversas juventudes, apresentando não apenas o seu fazer artístico, mas também trazendo suas vivências e como elas vão expandindo as fronteiras dos seus territórios geográficos e culturais.

“Essa ação tem por objetivo valorizar a produção cultural de adolescentes e jovens, com idades entre 13 e 29 anos, que fazem da arte, em suas diferentes linguagens e formatos, um instrumento para manifestação de seus olhares e vozes nos diversos territórios que ocupam, sejam esses territórios geográficos, corporais ou virtuais”, explica Gabriela da Silva Neves, assistente da Gerência de Estudos e Programas Sociais do Sesc São Paulo, no núcleo de Infâncias e Juventudes.

Apoiada nos eixos “Movimento”, “Palavra”, “Som” e “Imagem”, a programação do *Juventudes: Arte e Território* deste ano realizará atividades presenciais e virtuais nas unidades do Sesc e em suas plataformas digitais durante os meses de agosto a dezembro. Serão oficinas, bate-papos, encontros, batalhas poéticas (*slams*), espetáculos de teatro e de música, além de outras expressões. Nas redes sociais, quatro jovens irão compartilhar as suas produções artísticas, visões de mundo, realidades e seus desejos a partir desses quatro eixos. “Nos dois últimos anos, essa ação ganhou um outro alcance, pois as juventudes ocuparam as redes sociais do Sesc São Paulo, possibilitando o acesso de outros públicos à arte desses jovens e, consequentemente, provocando novas percepções, reflexões e maneiras de sentir”, complementa Gabriela Neves. Saiba mais e acompanhe as ações do *Juventudes: Arte e Território*: bit.ly/juventudes-sescsp

Confira alguns destaques da programação:



Identidade visual da ação
Juventudes: Arte e Território

CINESESC

Mostra Juventudes - Arte e Território

Com uma programação de filmes que revelam a diversidade das juventudes brasileiras, a *Mostra Juventudes - Arte e Território* leva ao CineSesc produções realizadas por jovens cineastas em início de carreira. De realizadores premiados a jovens em seus primeiros trabalhos no audiovisual, a mostra apresentará um recorte de narrativas ficcionais e documentais cujos temas revelam as inspirações, desejos, preocupações e sonhos presentes na criação de parte da juventude do país que vê o cinema como uma forte ferramenta de expressão e de mudança social. (Dias 24, 25 e 26/11, quinta, sexta e sábado).

SESC 24 DE MAIO

Oficina - Construção de Personagens

Com foco no teatro jovem desde 2018, a Companhia Solilóquios atua na perspectiva de presenciar e entender a importância da representatividade e contemplação do universo de adolescentes e jovens. Para isso, essa oficina visa estimular os pensamentos e questões das juventudes de forma a conduzir a construção de personagens e falas que as representem. (De 12 a 26/08, sextas, das 14h30 às 16h)



Foto: Rayssa Zago

Oficina - Construção de Personagens - Companhia Solilóquios

SESC AVENIDA PAULISTA

Microfone Aberto - Juventudes

Neste encontro para celebrar a linguagem da palavra falada, o mestre de cerimônias Emerson Alcalde receberá os grupos Batalha do Ana Rosa (que existe desde junho de 2017, ao lado da estação homônima do metrô), Batalha Sexta Free (uma das mais antigas em atividade no Brasil, criada com o intuito de fazer os participantes se questionarem e compartilharem conhecimento), e Slam Poesia Racional (que surgiu para que os participantes da Sexta Free tivessem a oportunidade de mostrar seus trabalhos autorais). Palco, praça e rua do Sesc Avenida Paulista receberão convidados e também vão convidar adolescentes e jovens passantes que queiram se manifestar artisticamente. (Dia 19/08, sexta, das 19h30 às 21h30)



Foto: Divulgação

Batalha do Ana Rosa
Big Mike

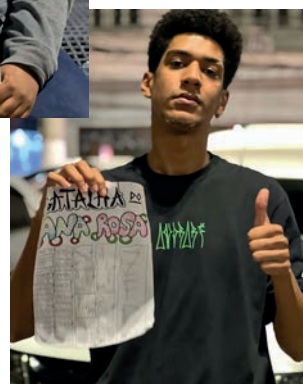


Foto: Divulgação

Batalha do Ana Rosa
Zed

*Assista também ao Sesc Ideias – *A Produção Cultural das Juventudes nos Diferentes Territórios*, do qual participam: Artur Santoro, diretor de produção e projetos da BATEKOO, plataforma voltada ao público negro e LGBTQIA+ que mobiliza mais de 150 mil jovens periféricos em diversas cidades pelo Brasil; Thata Alves, artista multimídia que transita entre vídeo, performance e poesia, e já publicou *Em Reticências* (2016) e outras obras pela Academia Periférica de Letras; e Marcelo Marques, conhecido como Audino Vilão, que compartilha conteúdos de filosofia de maneira objetiva e com um linguajar de gírias em seu [canal no Youtube](#). O encontro virtual, transmitido em agosto de 2020, foi mediado pela cientista social Nathalia Triveloni, educadora do Programa Juventudes do Sesc Avenida Paulista, e está disponível no canal do Sesc São Paulo no YouTube: bit.ly/juventudes-prodcultural.

LINGUAGENS DA REBELDIA

AS CONTRIBUIÇÕES PLURAIS DO
MULTIARTISTA QUE FOI UM DOS MAIS
INOVADORES NOMES DE SEU TEMPO



Coleção Particular

Retrato de Nicolas Guillén. Sem data. Óleo sobre tela.

Em 1931, Flávio de Carvalho (1899-1973) quase seria linchado quando, ao acompanhar uma procissão de Corpus Christi, decidiu participar do ato caminhando na contramão dos devotos. Completou a provocação cobrindo a cabeça com um boné – gesto considerado ofensivo pelos fiéis católicos. Enfurecida, a multidão atirou objetos em direção ao homem, que conseguiu escapar ao se esconder dentro de uma leiteria até ser resgatado pela polícia. A situação era parte da performance *Experiência nº 2*, realizada a partir do conceito de psicologia das massas e encabeçada pelo pintor, desenhista, arquiteto, engenheiro, cenógrafo, fotógrafo, escritor e teatrólogo fluminense radicado em São Paulo. Um criador múltiplo que continua a ser celebrado como um dos mais originais nomes surgidos após a Semana de Arte Moderna de 1922.

Filho de uma família abastada, que chegou a São Paulo em 1900, Flávio cresceu na França e, em 1918, foi estudar na Inglaterra, período em que descobriu os vanguardistas europeus. Quatro anos depois, já engenheiro civil e com estudos avançados em belas-arts, decide voltar para o Brasil. Queria dialogar com o grupo dos modernistas da primeira geração e presenciar as transformações sociais, políticas e econômicas que eclodiam na terra natal. No trajeto de retorno, aconteceria a primeira de suas detenções – excêntrica e desafiadora, ao estilo Flávio de Carvalho: sem ao menos esperar que a embarcação ancorasse no porto, saltou nas águas do rio Tejo, em Portugal, assim que o navio que o levava se aproximou do cais.

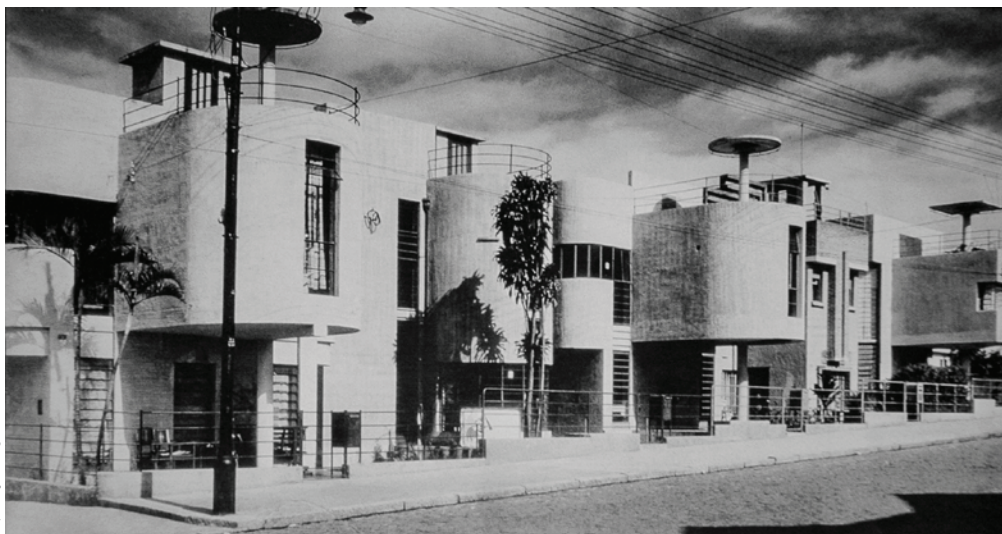
ENTREGUE AO MODERNO

Trabalhou no escritório do engenheiro-arquiteto Ramos de Azevedo (1851-1928), responsável por algumas das joias arquitetônicas da capital paulista, como o Theatro Municipal de São Paulo e a Pinacoteca do Estado. Participava com frequência de concursos de arquitetura no Brasil e no exterior, sempre com projetos arrojados – o arquiteto franco-suíço Le Corbusier (1887-1965) definiu o estilo de Flávio de Carvalho como *romântico revolucionário*.

“A primeira manifestação de arquitetura moderna no Brasil é de minha autoria. Foi o palácio do governo do estado de São Paulo, em 1927, há 40 anos. Uma obra muito discutida pela imprensa, que provocou um grande escândalo e era um palácio fortificado. Eu pretendia, com isso, garantir a permanência dos presidentes de estado no governo porque nessa época, quando as revoluções tomavam um palácio do governo, a nação considerava ser tomada”, afirmou Carvalho, em 1967, em entrevista ao jornal *O Município*, de Valinhos, cidade do interior paulista que era seu refúgio.

Foi em Valinhos que o arquiteto construiu a icônica Fazenda Capuava, uma casa modernista onde viveu por 35 anos. O local possui 600 metros quadrados de área construída e tem sua fachada em forma de avião (quando avistada de cima). É dele, também, a autoria de outro projeto arquitetônico emblemático, a Vila Modernista da Alameda Lorena. Inaugurado em 1938, o conjunto era composto de 16 casas, caracterizadas por um guarda-sol de concreto na parte frontal. A vila se dividia entre quatro casas contíguas, sendo a maior delas na esquina com a rua Ministro Rocha de Azevedo; as demais sete, em uma pequena rua particular (aos fundos da Alameda Lorena) e as outras quatro estavam situadas na rua Ministro Rocha de Azevedo. No interior, móveis fixos projetados pelo arquiteto. Flávio de Carvalho assinava até mesmo os ladrilhos hidráulicos dos cômodos, que eram inspirados nos cinco sentidos.

Reprodução fotográfica: Adriana Vichi



Frente e interior da Vila Modernista da Alameda Lorena, obra arquitetônica de Flávio de Carvalho, inaugurada em 1938.

Reprodução fotográfica: Adriana Vichi



Revista Casa e Jardim, n.º 40/Reprodução

CAMINHOS INDOMÁVEIS

Tal como o contemporâneo e amigo Mário de Andrade (1893-1945), Flávio também é considerado um artista-etnógrafo. Produziu um vasto material fotográfico, incluindo vídeos experimentais, nas dezenas de viagens que realizou pelo Brasil ao longo de 20 anos, a partir de 1930. No final de 1932, formou o Clube de Artistas Modernos (CAM), uma das primeiras associações culturais paulistas e dissidente da Sociedade Pró-Arte Moderna – ligada ao pintor e escultor Lasar Segall (1889-1957) e ao próprio Mário de Andrade.

Um ano depois, adaptou parte do espaço do CAM para a criação do Teatro da Experiência, que recebeu a encenação do espetáculo *Bailado do Deus Morto*, de sua autoria. A montagem tinha sinfonia assinada pelo compositor Camargo Guarnieri (1907-1993) e o elenco era quase inteiramente formado por atores-instrumentistas negros – uma proposta estética inédita até então. A polícia fechou o espaço após três exibições da peça, que só voltaria aos palcos em 2010, com direção de José Celso Martinez Corrêa e do Teatro Oficina. Com o fechamento do Clube de Artistas Modernos, Carvalho passa a se dedicar à sua primeira exposição individual.

A mostra foi inaugurada em 1934, mas não duraria muito tempo. Os trabalhos, sobretudo desenhos de nus femininos figurativos e de inspiração surrealista--expressionista, foram considerados imorais, censurados e apreendidos (sob intensos protestos do artista) pela antiga Delegacia de Costumes do Estado de São Paulo. Graças a uma ação judicial, o artista recuperou as obras, quando já havia partido para uma expedição pela Europa. As impressões registradas durante a viagem resultaram no livro *Os Ossos do Mundo*, no qual o escritor e sociólogo Gilberto Freyre (1900-1987), em seu prefácio, afirma que o autor já seria um “pós-modernista”. Pouco tempo depois, em 1939, Flávio de Carvalho é agraciado com uma indicação ao Prêmio Nobel de Literatura.



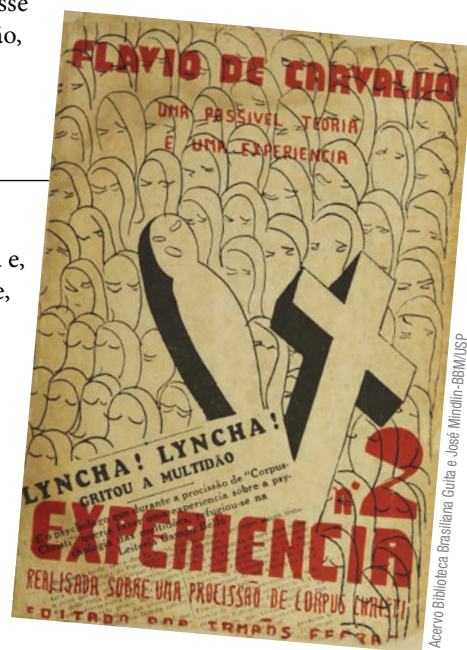
Coleção Figurinos do Acervo do Teatro Municipal de São Paulo

Balé de IV Centenário, Cangaceira, 1954. Vestuário.

INSTIGAÇÃO PERMANENTE

“É importante ter em vista que a provocação em Flávio de Carvalho é programática, isto é, ela é ativamente buscada e faz parte da sua concepção do que deveria ser a prática artística e investigativa”, afirma Marcelo Moreschi, professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). “Em seus textos teóricos, Carvalho faz várias afirmações a esse respeito. Em primeiro lugar, para ele, o confronto com o público e com os gostos constituídos é inescapável ao artista moderno, que deve criticar as formas tradicionais de representação e abalar as certezas do senso comum. Em segundo lugar, ele diz que a indignação e o escândalo são o combustível do artista inovador, e dão energia para que ele continue provocando (além de indicar que estaria no rumo certo)”, avalia Moreschi.

O docente revela ainda o terceiro pilar que norteava as investigações teóricas de Flávio de Carvalho. “Por último (e aqui talvez esteja uma de suas grandes inovações), as reações da opinião média (das ‘massas’, sempre ‘mediócras’, para ele) são transformadas em objeto de estudo, pois poderiam revelar, segundo ele, camadas profundas da psicologia da espécie humana, traumas ancestrais, modelos arquetípicos etc. Ele amplia o que seja a prática artística (a partir da provocação) para incluir nela esse tipo de investigação, que ele chama de ‘psicoetnográfica’. É o que ele faz na *Experiência nº 2*, em 1931, quando provocou uma procissão religiosa e, conseqüentemente, seu próprio linchamento”, detalha. ■



Acervo Biblioteca Brasileira Guilha e José Mindlin-EBMUSP

PERFORMER RADICAL

EXPERIÊNCIAS Nº 2 E 3 PROVAM PIONEIRISMO DO CRIADOR AO INTERVIR NO ESPAÇO PÚBLICO

Fundo Flávio de Carvalho/Centro de Documentação Alexandre Estêvão-CEDAE/UNICAMP



Cortesia Paulo Kuczyński/Escribório de Arte

Jogador, 1972. Guache sobre papel.

Em *Experiência nº 3*, de 1956, Flávio de Carvalho (ao centro) realizou um desfile pelas principais ruas do Centro de São Paulo, vestindo apenas uma blusa transparente, saia curta de pregas, meia arrastão e sandálias: essa performance desafiou convenções sociais da época e reverbera reflexões até os dias de hoje.

As *Experiências nº 2 e nº 3*, performances nas quais Flávio de Carvalho discutia valores e convenções sociais, sintetizam seu aspecto mais rebelde. “Ele ganha especial importância muito depois de sua morte, quando, já no momento que denominamos ‘contemporâneo’, suas *Experiências* e outras iniciativas são compreendidas como ações de arte, e percebidas como pioneiras em vários campos”, explica o escritor, curador e artista visual Renato Rezende. Assim, a *Experiência nº 2* pode se inserir na história da arte como uma espécie de antecessora de performances e intervenções públicas muito em voga na atualidade. “Suas muitas expedições e escritos de viagem se alinham com a ideia do artista como etnógrafo. Dessa forma, paradoxalmente, são justamente nas atividades que ele próprio não considerava como artísticas que se encontram as principais contribuições de Flávio de Carvalho para a arte brasileira”, observa Rezende.

Já a lendária performance *Experiência nº 3*, de 1956, na qual Flávio realizou um desfile pelas principais ruas do centro de São Paulo, vestindo apenas uma blusa transparente, saia curta de pregas, meia arrastão e sandálias, é considerada pioneira na expressão artística que seria conhecida, décadas mais tarde, como *flashmob*. “A *Experiência nº 3* (como ele definiu o traje do *New Look* e seu desfile pelas ruas de São Paulo – e também de Roma) passaria despercebida no mundo de hoje. Basta passar meia hora sentado numa praça do centro da cidade para

a gente ver passar com a maior naturalidade figurinos muito mais radicais. No entanto, é inegável que Flávio de Carvalho foi uma figura importantíssima ao questionar diversas convenções sociais de sua época, e que, em alguns aspectos, continua a incomodar bastante: Flávio permanece indomável, resistente à canonização”, destaca Rezende.

Mais de seis décadas depois, a performance ainda reverbera e proporciona reflexões sobre a questão “roupa versus gênero”. “O desfile do *New Look* é parte de uma empreitada artística e investigativa maior, que incluiu um grande estudo da história do vestuário. Ao estudar a história das vestimentas, Flávio de Carvalho propõe que há períodos na história nos quais homens e mulheres se vestiam de forma parecida (ele chama esses períodos de ‘idades púberes’). Nesses momentos, as relações de dominância homem/mulher e entre os gêneros seriam niveladas ou invertidas. Haveria também homo e bissexualidade generalizadas nesses períodos. Ele acreditava que uma nova idade púbera estaria se iniciando (e iria se estabelecer no século 22) – era o que a história evolutiva do vestuário teria revelado para ele. Assim, o traje e o desfile com traje são uma espécie de profecia, um alerta para o homem cis e heterossexual, que deve se preparar para os novos tempos e adaptar o modo de vestir para não ser depreciado, aceitando também a perda de poder e de dominância. Se não fizer isso, cairá em ressentimento e em infelicidade”, elucida Marcelo Moreschi.

O ANTES E O AGORA

UM LEGADO NAS ARTES PLÁSTICAS QUE RESSOA SOBRE NOMES CONTEMPORÂNEOS

Para além das performances iconoclastas, Flávio de Carvalho deixou respeitadas marcas nas artes plásticas e assinou uma série de trabalhos de impacto, especialmente como desenhista de qualidade atestada em eventos como os Salões de Maio, que antecederam a realização da primeira Bienal Internacional de Arte de São Paulo, em 1951. Carvalho retratou, ainda, uma galeria volumosa de personalidades da vida cultural brasileira, tais como os escritores José Lins do Rego (1901-1957) e Oswald de Andrade (1890-1954), adotando cores fortes e vibrantes em seus trabalhos. No entanto, seguia envolto em polêmicas.

Em 1947, apresentou uma série de desenhos que retratavam os momentos finais de vida da mãe, Ophelia Crissiúma de Carvalho. A composição expressionista possui nove gravuras produzidas junto ao leito de morte de Ophelia, e é tida como um de seus auge artísticos. Em seus últimos trabalhos, seguiu buscando a inovação, ao optar pelo uso de materiais menos explorados, como tintas fosforescentes.

Seu legado ressoa, também, na produção artística da atualidade. “Há muito de Flávio de Carvalho em um artista seminal como Hélio Oiticica (1937-1980), por exemplo (seja nos *Parangólés*, seja nos *Penetráveis*), mas também em Antonio Manuel e Lygia Clark (1920-1988) – artistas para quem o corpo ocupa um lugar central na concepção da obra. Mais recentemente, é possível encontrar ecos de Flávio de Carvalho em artistas de inegável potência, como Tunga (1952-2016) e Laura Lima. Ou seja, o legado de Flávio de Carvalho tornou-se incontornável se quisermos realmente compreender a arte brasileira contemporânea”, complementa o curador e artista Renato Rezende.

*Leia mais sobre a série *Trágica*, em matéria publicada no Portal Sesc SP: <https://bit.ly/30CI4Yy>

(Por Manuela Ferreira)



Arquivo Museu de Arte Moderna da Bahia - MAM

Retrato do Poeta Oswald de Andrade e da Poetisa Julieta Bárbara, 1959. Óleo sobre tela.

UM LEGADO VIVO

EXPOSIÇÃO NO SESC POMPEIA REVISITA OBRA DE FLÁVIO DE CARVALHO À LUZ DA PRODUÇÃO CONTEMPORÂNEA

Ao questionar as múltiplas categorias de linguagens artísticas, Flávio de Carvalho também buscava, através da experimentação, expandir e negociar seus limites. Algumas das incursões de vanguarda realizadas pelo artista nos campos da arquitetura, da moda, da pintura, do teatro e sua relação com os meios de comunicação de massa formam parte da exposição *Flávio de Carvalho Experimental*, em exibição no Sesc Pompeia a partir de 30 de agosto.

“Cada um desses núcleos de interesse é apresentado em relação à produção contemporânea, ou seja, junto a obras de artistas jovens que igualmente absorvem elementos dessas disciplinas em sua obra”, explica Kiki Mazzucchelli, que assina a curadoria da exposição com Pollyana Quintella. Uma das propostas da mostra é apontar como o artista contribuiu para a expansão e modernização do campo artístico no Brasil – em um período em que ainda não havia um museu de arte

moderna no país e que o meio artístico de vanguarda estava apenas começando a se formar.

“Muitas das discussões levantadas por ele em relação à sexualidade, religiosidade, entre outras, ainda são relevantes em nosso presente apesar de, sem dúvida, terem se tornado mais complexas. Ao trazer artistas contemporâneos para a exposição, podemos perceber algumas das limitações da obra de Flávio (mesmo tendo sido ele alguém que enfrentou abertamente os tabus de sua época) e atualizar algumas das discussões presentes em sua obra para o momento presente”, comenta Kiki.

Na programação do evento, o grupo do Teatro Oficina Uzyna Uzona realizará apresentações do espetáculo *O Bailado do Deus Morto*, peça concebida por Flávio de Carvalho e encenada no Teatro

da Experiência – fechado pela polícia após três apresentações. “Como a exposição tem como foco principal as obras de caráter imaterial de Flávio de Carvalho, é fundamental trazer uma obra como essa, que permite ao espectador vivenciar a energia subversiva do artista”, afirma a curadora.

SERVIÇO

Flávio de Carvalho Experimental

LOCAL: Sesc Pompeia.

PERÍODO: 30/08/2022 a 29/01/2023.

QUANDO: Terça a sexta, das 10h às 21h. Sábados, domingos e feriados, das 10h às 18h.

INFORMAÇÕES: www.sescsp.org.br/pompeia



Foto: Jennifer Glass

O espetáculo *O Bailado do Deus Morto*, escrito por Flávio de Carvalho, já foi montado pelo Teatro Oficina em 2020 e será apresentado durante o período da exposição no Sesc Pompeia.

“COM A LICENÇA QUE AS MANOBRAS DE FLÁVIO DE CARVALHO PERMITEM ARRISCAR, É POSSÍVEL CONJETURAR QUE PARTE IMPORTANTE DA AÇÃO CULTURAL REALIZADA PELO SESC, HOJE, JÁ SE ENCONTRAVA, EM ALGUMA MEDIDA, ENCARNADA NO CORPO-FAZER-OBRA DESSE POLÍMATA DAS ARTES. COMO TAMBÉM O COMPROVAM OS ARTISTAS CONTEMPORÂNEOS PRESENTES NESSA EXPOSIÇÃO, SEU LEGADO EXPERIMENTAL ENCONTRA-SE VIVO E, MAIS QUE ISSO, TRANSUBSTANCIADO EM PRODUÇÕES E INSTITUIÇÕES ARTÍSTICAS ATUAIS.”

(DANILO SANTOS DE MIRANDA, DIRETOR DO SESC SÃO PAULO)

ESTILHAÇOS DE MEMÓRIAS

FOTOGRAFIAS DO ARTISTA EUSTÁQUIO NEVES REVELAM DIFERENTES CAMADAS DE CRÍTICAS SOCIAIS E REVINDICAM O LUGAR HISTÓRICO DE AFRODESCENDENTES

Nascido na cidade mineira de Juatuba, em 1955, José Eustáquio Neves de Paula, ou Eustáquio Neves, como o artista é conhecido dentro e fora do país, propõe reflexões sobre escravidão e racismo em suas imagens. Parte desse trabalho, realizado pelo fotógrafo há aproximadamente 40 anos, poderá ser visto na exposição *Outros Navios: Fotografias de Eustáquio Neves* a partir de 6/09, no Sesc Ipiranga [leia **boxe Narrativas visuais e audiovisuais**], com curadoria de Eder Chiodetto. “Para legitimar um discurso sobre reparação histórica, Eustáquio leva a fotografia a sair do seu lugar comum, de recorte da realidade, para uma complexa construção de imagem que se intercala, sobrepõe-se, convoca documentos e fabulação”, explica o curador.

A formação de Eustáquio como técnico de química industrial contribuiu para um processo de interferência sobre os negativos de fotografias no laboratório, resultando em obras que apresentam diferentes camadas visuais e narrativas. Essas composições, segundo Chiodetto, entram no campo ampliado da fotografia

expandida sob outras perspectivas. “A manipulação das imagens via processos químicos é uma das características pontuais no seu trabalho, assim, em seu espaço de experimentação, ele incorpora procedimentos durante muito tempo tratados como tabu para grande parte dos profissionais da área”, complementa.

Descendente direto de pessoas negras escravizadas, Eustáquio Neves costura passado e presente em obras que borram fronteiras entre tempo e espaço. Premiado e reconhecido internacionalmente, o artista dedica-se à composição de obras que refletem sobre a sociedade e o lugar histórico dos afrodescendentes como protagonistas de suas práticas culturais. “As problematizações abordadas por Eustáquio Neves têm grande importância na cena artística por ele fazer parte de um conjunto de artistas que direciona o olhar para a produção de novas narrativas, concebidas com a sensibilidade de quem faz parte da construção histórica da população afro-brasileira”, destaca o curador.



Série *Aberto pela Aduana #1* (2020)

Técnica mista: fotografia, pintura, colagem e nanquim



Série Arturos #1 (2003/2004/2005)
Fotografia com técnica mista



Série *Outros Navios* #2 (2020)

Técnica mista: fotografia, stencil e pintura

NARRATIVAS VISUAIS E AUDIOVISUAIS

Mostra no Sesc Ipiranga reúne séries fotográficas consagradas e inéditas de autoria de Eustáquio Neves, além de uma seleção de obras de videoarte

Aberta ao público a partir do dia 6 de setembro, no Sesc Ipiranga, a exposição *Outros Navios: Fotografias de Eustáquio Neves* é composta de 70 obras, entre fotografias e vídeos, além de uma seleção ampla de materiais utilizados pelo artista em suas criações de caráter analógico. Com curadoria de Eder Chiodetto, a mostra reúne séries do início dos anos 1990, como *Objetificação do Corpo* (1994), séries inéditas como as *Fotopinturas*, com obras realizadas em 2022, assim como *Outros Navios*, série em andamento e que dá nome à exposição. Alguns desses trabalhos serão mostrados pela primeira vez em sua integralidade nessa exposição.

Segundo o curador, “é importante que as séries de Eustáquio Neves, que têm uma média de 12 imagens [cada], sejam vistas inteiras e nas escalas pensadas pelo artista, pois elas são como poemas em que todas as ‘frases’ são importantes para nos levar ao centro da poética e do gesto político do artista”. Entre os trabalhos de videoarte – mais raros na produção de Eustáquio –, será exibido *Post No Bill* (2009), em que o cotidiano marcado pelo trânsito e vaivém incessante de pedestres nas ruas de Lagos, na Nigéria, mistura-se com a arte jovem encontrada na favela de Bariga, no subúrbio da cidade. Essa obra será exibida pela primeira vez, em três telas simultâneas, no Sesc Ipiranga. ■

SERVIÇO

Outros Navios: Fotografias de Eustáquio Neves

LOCAL: Sesc Ipiranga (Rua Bom Pastor, 822)

QUANDO: 06/09/22 a 26/2/23

HORÁRIOS: Terça a sexta, das 9h às 21h30. Sábados, das 10h às 21h30. Domingos e feriados, das 10h às 18h30.

Entrada gratuita. Não é necessário realizar agendamento.

INFORMAÇÕES: www.sescsp.org.br/ipiranga



Série *Boa aparência* (2001)
Matriz em filme kodalith, 4x5”



Série *Máscara de Punição* (2002/2003)
Matriz em filme kodalith, 4x5”

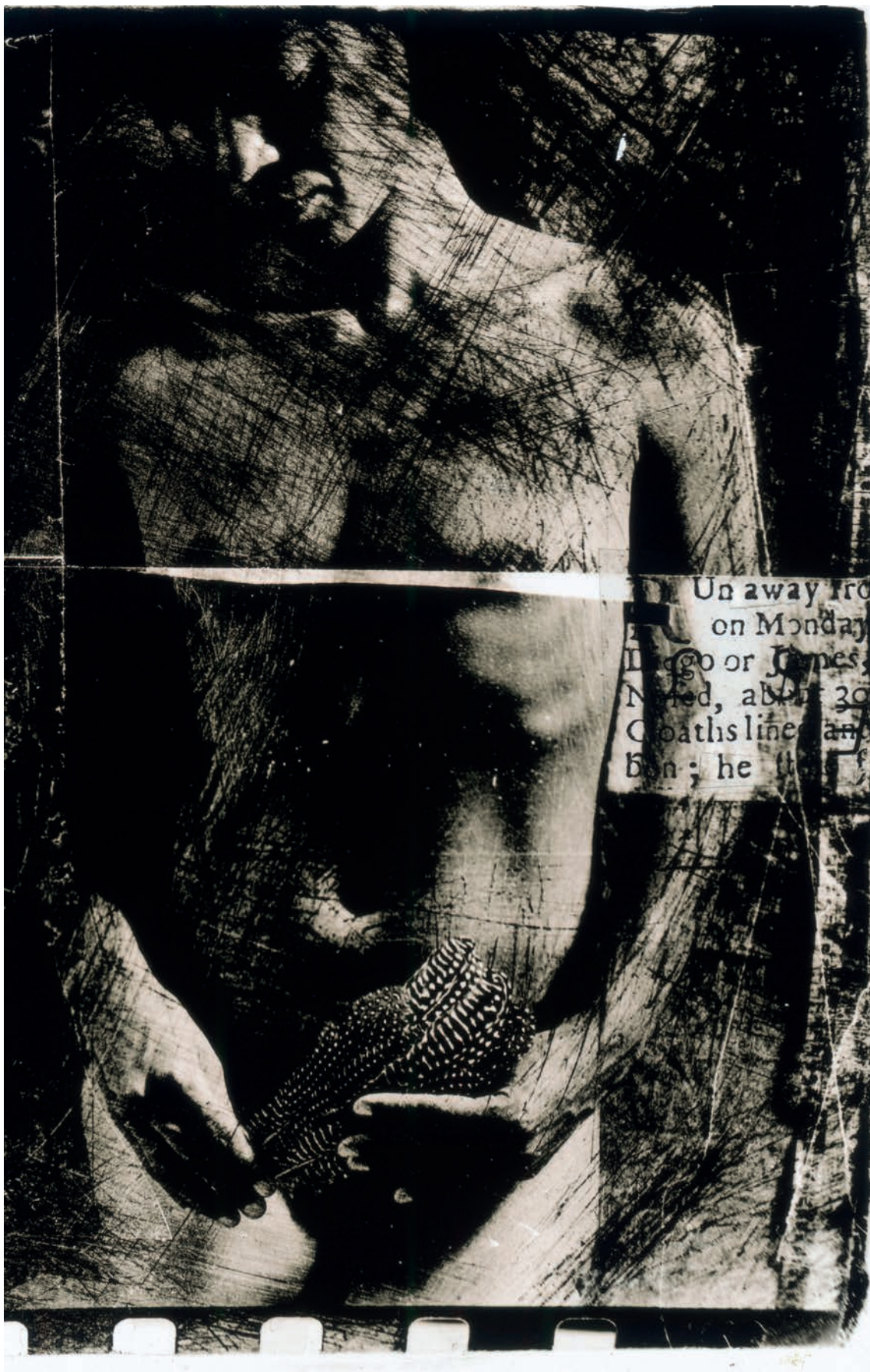




Série Arturos #2 (2003/2004/2005)
Fotografia com técnica mista



Série *Objetificação do corpo* (1999)
Matriz em negativo 35mm montados com fita adesiva



Série *Objetificação do Corpo* #3 (1994/1995)
Fotografia com técnica mista



Série *Objetificação do Corpo* #1 (1994/1995)
Fotografia com técnica mista



Série *Objetificação do Corpo* #2 (1994/1995)
Fotografia com técnica mista



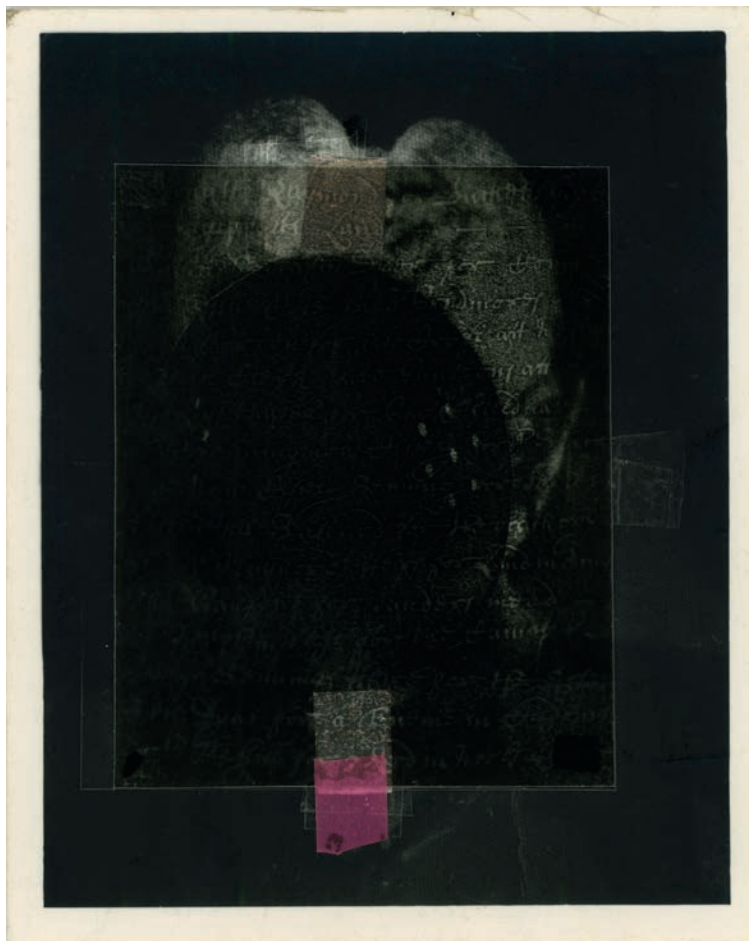
Série *Boa aparência* #1 (2000)
Fotografia com técnica mista



Série *Boa aparência* #2 (2000)
Fotografia com técnica mista



Série Máscara de Punição #1 (2004)
Fotografia com técnica mista



Série Máscara de Punição #3 (2004)
Fotografia com técnica mista



Série *Máscara de Punição* #2 (2004)
Fotografia com técnica mista



Série *Máscara de Punição* #4 (2004)
Fotografia com técnica mista



Série Cartas ao mar #2 (2015)
Fotografia com técnica mista



Série *Cartas ao mar* #1 (2015)
Fotografia com técnica mista



Série *O Encomendador de Almas #1* (2007)
Fotografia com técnica mista



Série Arturos #3 (2003/2004/2005)
Fotografia com técnica mista



Série Retrato Falado #08 (2019)
Fotopintura



Série Fotopinturas #1 (2019)
Fotopintura

Gotas que valem ouro

NO MÊS EM QUE SE CELEBRAM A SEMANA MUNDIAL DO ALEITAMENTO MATERNO E O AGOSTO DOURADO, ESPECIALISTAS DESTACAM OS DESAFIOS E A IMPORTÂNCIA DA AMAMENTAÇÃO PARA A SAÚDE E O VÍNCULO ENTRE MÃES E BEBÊS

Todo ser humano é mamífero, mas o ato de amamentar não é instintivo. Para que ele dê certo, é preciso que haja a colaboração de uma série de fatores físicos, emocionais, familiares, sociais e mercadológicos, entre outros. Por isso, o aleitamento materno deve ser orientado, promovido e apoiado por diferentes setores da sociedade, alertam especialistas. E é neste mês que a amamentação conquista seu protagonismo no Brasil e no exterior com iniciativas como a Semana Mundial do Aleitamento Materno (SMAM) e o Agosto Dourado [*Leia mais em Educação e apoio*].

“Quando uma mãe não consegue amamentar, é necessário oferecer acolhimento, escuta, e mostrar que a responsabilidade não é somente dela, pois há toda uma cascata envolvendo vários atores sociais. Apenas uma minoria (em torno de 5%) das mães têm problemas físicos ou fisiológicos reais que inviabilizam esse processo. De forma geral, a ausência do aleitamento acontece por má orientação, falta de apoio ou de estrutura”, explica a nutricionista **Viviane Laudelino Vieira**, mestre e doutora em nutrição infantil pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP/USP), pesquisadora e defensora da amamentação e da saúde materno-infantil desde que se tornou mãe da Manuela.

Apesar dos obstáculos, o Brasil tem evoluído nesse quesito: nos anos 1980, o país chegou a registrar taxas de aleitamento materno de 3%. Hoje, cerca de 45% dos bebês são amamentados até os 6 meses de vida, seguindo a recomendação da Organização Mundial da Saúde (OMS) para aleitamento exclusivo nesse período e de complemento à alimentação até os 2 anos de idade ou mais. Comparado a outros países, afirma Viviane, o Brasil tem um arcabouço de políticas públicas atuando em diferentes instâncias (maternidades, unidades básicas de saúde e legislação em direitos trabalhistas) que, de certa forma, favorece a realização da amamentação.

“Mas existe uma influência cultural negativa, visto que nossas mães, em geral, pouco amamentaram ou não tiveram uma experiência positiva. Portanto, a rede de apoio familiar – sobretudo, da avó materna – pode não ser pró-aleitamento, razão pela qual essa recém-mãe precisa ser bem apoiada por profissionais da saúde”, ressalta Viviane, que atua como supervisora no Centro de Saúde Escola Geraldo de Paula Souza, da FSP/USP, onde atende gestantes, puérperas (mães no pós-parto) e crianças, promovendo cursos de introdução alimentar.

Contudo, não são apenas os palpites de avós e de outros parentes que podem interferir na amamentação. De acordo com a nutricionista Viviane Vieira, entre os maiores desafios atuais está “uma influência negativa por parte da indústria de produtos que competem diretamente com o aleitamento, como fórmulas infantis, compostos lácteos, mamadeiras, chupetas e outros bicos”. Essa indústria, complementa Viviane, “é muito poderosa e tem crescido demais em lucro, quantidade de produtos e no assédio feito às mães, de diferentes formas: via profissionais da saúde, patrocínio de congressos médicos, redes sociais e influenciadoras(es)”. Assim, na visão da especialista, fica difícil filtrar as informações e conter notícias falsas que circulam em ambiente *online*, seja nas redes sociais ou em aplicativos de trocas de mensagens instantâneas.

A médica sanitária Marina Rea, membro da Sociedade Brasileira de Pediatria, da IBFAN (Rede Internacional em Defesa do Direito de Amamentar, em tradução livre) e da WABA (Aliança Mundial para Ação em Aleitamento Materno, em tradução livre), acrescenta que, por mais de três décadas, mais precisamente desde 1988, não se tinha no Brasil propaganda de fórmulas infantis. “Por todo esse tempo, a indústria obedeceu, mas já faz uns quatro anos que houve um retrocesso. Agora, está cheio de publicidade na internet, nas redes sociais e no *e-commerce* de grandes varejistas. Não era para ter isso, é proibido por lei”, enfatiza Marina, em referência à lei nº 11.265, de 2006, que, entre outras orientações, regulamenta a comercialização de alimentos para lactentes e crianças na primeira infância.

No caso das(os) influenciadoras(es) digitais, as publicações são feitas muitas vezes como relatos pessoais, mas é importante lembrar que essas(es) profissionais têm, muitas vezes, milhares ou até milhões de seguidores – e o impacto de cada fala é proporcional ao seu alcance. “Não é possível saber se as(os) influenciadoras(es) estão sendo financiadas(os), muitas(os) não deixam claro. Algumas práticas a gente sabe que acontecem, como o envio de brindes e caixas de produtos [*por parte das empresas*]. As mídias sociais e a internet como um todo são um grande desafio hoje; outro é o patamar de industrialização que atingimos, com uma imensa variedade de alimentos ultraprocessados”, avalia Marina Rea.

Segundo a médica sanitária, a OMS, inclusive, já reconhece que as mídias digitais cresceram tanto que é preciso discuti-las e controlá-las – assunto que começou a ser ventilado na Assembleia Mundial de Saúde, realizada em Genebra, em maio passado. “Mas, isso é muito difícil. Nos perguntamos se a regulamentação e as propostas que fizemos até hoje são suficientes, com esse excesso de produtos novos, diferentes e cada vez mais sofisticados”, questiona.

A nutricionista Viviane Vieira completa: “A rede social e a mídia entram em sua casa, então você, ao usar o celular, pode receber uma informação, uma reportagem, uma propaganda capaz de interferir – positiva ou negativamente – na sua escolha de amamentação, na compra de algum produto. Nossa grande missão é pensar nesse meio virtual, que é muito potente e pode estimular [*com influenciadoras(es) e celebridades, democratizando saberes sobre amamentação, parto normal e criação neurocompatível, que respeita o tempo e o desenvolvimento de cada criança*], mas também desestimular o aleitamento”.

A CRIANÇA, MUITAS VEZES, SERÁ ALVO DE DESMAME PRECOCE, PORQUE ESSA MULHER NÃO DÁ CONTA DE CUMPRIR TODAS AS TAREFAS QUE A SOCIEDADE LHE DEMANDA. POR ISSO, O LOCAL DE TRABALHO E O ESPAÇO ONDE SEU FILHO VAI FICAR PRECISAM SER APOIADORES DO ALEITAMENTO

VIVIANE LAUDELINO VIEIRA,
NUTRICIONISTA, PESQUISADORA
E DEFENSORA DA AMAMENTAÇÃO

ENTRAVES MERCADOLÓGICOS

As especialistas lembram que, num país desigual como o nosso, há um forte componente socioeconômico que dificulta a realização e a extensão da amamentação. Só em 2020, primeiro ano da pandemia, dos 480 mil postos com carteira assinada fechados no Brasil, 462 mil (96%) eram ocupados por mulheres, segundo [reportagem do Jornal Nacional de dezembro de 2021 citando dados do Ministério do Trabalho](#). “Vivemos um momento de crise econômica mundial, que prejudica muito mais o gênero feminino, sobretudo as mães. Muitas são chefes de família [em 45% dos lares do país, de acordo com dados de 2018 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE], têm trabalhos informais, com rendas inadequadas, e muitas vezes vão optar pelo desmame para garantir a própria sobrevivência e a de seu filho”, aponta a nutricionista Viviane Vieira.

Mesmo as empregadas registradas pela CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) têm direito a apenas quatro meses de licença-maternidade – empresas cidadãs, que oferecem seis meses de licença em troca de benefícios fiscais assegurados pela Lei nº 11.770/2008, ainda são exceção no país. “A conta não fecha. Uma licença-maternidade ampliada é algo fundamental de ser discutido, além de temas como auxílio-creche e a oferta, pelas empresas, de um local adequado para ordenha e congelamento do leite”, diz. No caso

das trabalhadoras informais, há mulheres que voltam à ativa quando seus bebês têm apenas algumas semanas de vida, conta Viviane. “Dados da cidade de São Paulo revelam que creches municipais chegam a receber crianças com apenas 1 ou 2 meses de vida”, afirma a especialista.

Essa múltipla jornada das mães, portanto, dificulta muito a manutenção da amamentação. Isso porque o cuidado – com os filhos, marido, idosos, animais de estimação e com a organização e gestão da casa – ainda é atribuído como inato ao sexo feminino. “E aí a criança, muitas vezes, será alvo de desmame precoce, porque essa mulher não dá conta de cumprir todas as tarefas que a sociedade demanda. Por isso, o local de trabalho e o espaço onde seu filho vai ficar precisam ser apoiadores do aleitamento”, conclui. Desde 2017, a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo promove a [campanha CEI amigo do peito](#) para incentivar “ações de promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno na rede municipal de ensino”, buscando “garantir o direito dos bebês e das crianças à especial proteção para o seu desenvolvimento físico, mental e social”, o que beneficia as famílias, a sociedade e o planeta como um todo. Em 2020, um em cada cinco Centros de Educação Infantil (CEI) da capital ofertou leite materno congelado de mães a seus bebês, enquanto 57% receberam mulheres para amamentar.



Ilustração de Lucas Lopes

ASPECTO NUTRICIONAL

As propriedades do leite materno são comprovadas cientificamente há décadas. Sob o aspecto nutricional, ele é um alimento completo, com quantidades adequadas de proteínas, gorduras, cálcio e outros nutrientes essenciais para o bebê. “Esse é o único momento da nossa existência em que apenas um alimento não só é suficiente, como o mais adequado para garantir o desenvolvimento integral da criança. Aquilo que lhe é oferecido nos seus primeiros meses terá um impacto ao longo de toda a sua vida”, destaca a nutricionista Viviane Vieira. A médica Marina Rea lembra ainda: “os anticorpos do filho serão desenvolvidos com base no que ele recebeu da mãe, por meio da amamentação. O leite humano contém aminoácidos e proteínas relacionados à proteção contra infecções, o que o leite artificial não tem”, compara.

Há vários estudos que mostram os benefícios do leite materno para a redução de doenças, de hospitalizações e da mortalidade infantil. “Amamentar previne problemas como déficit de crescimento ou de peso, diarreias, doenças respiratórias, contagiosas e crônicas, alergias e até diabetes tipo 2. Também ajuda na respiração, na fala, no crescimento dos dentes e na introdução alimentar”, cita Viviane. “E, para além da saúde física, crianças amamentadas apresentam um melhor desenvolvimento cognitivo e se tornam adultos que tendem a ter maior escolaridade e renda, segundo pesquisas.”

Além disso, já há trabalhos científicos comprovando que mães vacinadas contra a Covid-19 transmitem anticorpos aos bebês pelo leite materno, embora ainda seja cedo para dizer que eles são suficientes para proteger a criança contra o coronavírus, **afirma o pesquisador Cristiano Boccolini, da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)**. Um desses estudos, publicado no fim de 2021 na revista **JAMA Pediatrics**, foi conduzido por pesquisadores da Universidade de Rochester e da Universidade de Nova York, nos Estados Unidos.

A amamentação também é uma forma de estimular o vínculo entre mãe e filho. “É um estímulo grande para a conexão entre eles e para o bem-estar de ambos. O bebê sente o calor da mulher, a respiração, os batimentos cardíacos e demais barulhos que já conhecia do período intrauterino. Isso tudo ajuda a acalmá-lo, assim como a sucção”, explica Viviane. E, como a amamentação é uma via de mão-dupla, a mulher também se beneficia desse ato. “Há uma redução do risco de alguns cânceres, como o de ovário e o de mama.” Isso sem falar que o aleitamento



Foto: Mariana Krauss

favorece o bolso e o meio ambiente: não tem custo, não gera lixo nem necessita de insumos e recursos para a sua produção.

EDUCAÇÃO E APOIO

A Semana Mundial do Aleitamento Materno (SMAM), criada em 1992 pela OMS em parceria com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), é promovida anualmente em mais de 100 países e reforça a importância da amamentação para o desenvolvimento dos bebês. É coordenada pela rede WABA e comemorada sempre na primeira semana de agosto, com um tema diferente a cada edição.

O tema da SMAM este ano é *Fortalecer a amamentação: educando e apoiando*. “Foi uma ideia pensada pela WABA em função do que a gente viveu na pandemia, quando a ciência foi muito contestada, mas também teve bastante protagonismo. Precisamos educar profissionais de saúde, pediatras, entrar nas escolas”, analisa Marina Rea.

No Brasil, desde 2017, foi instituída também a campanha Agosto Dourado, pela Lei nº 13.435. Seu objetivo é conscientizar e esclarecer a população sobre os benefícios do aleitamento, e a cor dourada representa o leite materno, conhecido como alimento “padrão ouro de qualidade”. “É um mês para celebrar, apoiar, defender e desenvolver iniciativas relacionadas à amamentação. Despertamos o interesse e promovemos sensibilização em locais de trabalho, serviços de saúde, faculdades, escolas e creches. É um mês para potencializar ações, mas não adianta fazermos isso em uma semana ou um mês inteiro se, depois, isso não se sustentar ao longo dos 11 meses seguintes”, observa a nutricionista Viviane Vieira.

(Por Luna D’Alama)



Do mamã ao papá

QUARTA EDIÇÃO DO PROJETO
DO PEITO AO PRATO SERÁ REALIZADA
DE 1º A 7 DE AGOSTO, EM 24
UNIDADES DO SESC SÃO PAULO

Na esteira da Semana Mundial do Aleitamento Materno (SMAM), o Sesc São Paulo realiza, de 1º a 7 de agosto, a quarta edição do projeto *Do Peito ao Prato*. Neste ano, uma programação *online* e presencial reúne atividades em 24 unidades na capital, interior e litoral. As ações abordam a importância de uma alimentação adequada e saudável nos dois primeiros anos dos bebês, reconhecendo-a como decisiva para a saúde nessa faixa etária e com reflexos por toda a vida.

“É fundamental realizarmos um projeto como esse e compartilharmos conhecimentos com base no saber científico e em vivências pessoais enriquecedoras. Assim, contribuimos com a saúde e a qualidade de vida desde os primeiros anos das crianças, fortalecendo também a missão do Sesc de atender seus públicos em cada etapa de sua existência. Além disso, empoderamos mães, pais e a sociedade em geral, difundindo informações necessárias às melhores escolhas alimentares”, destaca Marcia Bonetti Sumares, gerente da Gerência de Alimentação e Segurança Alimentar do Sesc São Paulo. Saiba mais: www.secsp.org.br/dopeitoao prato



Ilustração de Lucas Lopes

Confira alguns destaques da programação:

PRESENCIAL

Documentário *De Peito Aberto*

Exibição de filme seguida de bate-papo com a diretora Graziela Mantoanelli e a obstetrix Flavia Estevan (do Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde), sob mediação de Daniela Castelan.

QUANDO: Dia 1º/08 (segunda), das 19h30 às 21h30.

LOCAL: No CineSesc.

Grátis (retirada de ingressos 1h antes).



Divulgação

ONLINE

Bate-papo – Os desafios do aleitamento materno e a importância da escolha do pediatra

Com a médica Ana Paula Moraes Figueiredo e a fonoaudióloga Isa Crivellaro, sob mediação da nutricionista Ariane Feltrin Pasuld, pela plataforma Zoom.

QUANDO: 3/08 (quarta), das 10h30 às 11h30.

INSCRIÇÕES: inscricoes.secsp.org.br/
Grátis.

Bate-papo – Mulher negra e aleitamento materno

Com a enfermeira Isabel Cruz, pela plataforma Zoom.

QUANDO: 4/08 (quinta), das 16h às 17h30.

INSCRIÇÕES: inscricoes.secsp.org.br/
Grátis.

Live – Quem não dá leite, dá apoio

Com os médicos Corintio Mariani Neto, Leonardo Wigg Perfeto e Keiko Teruya, e a enfermeira Renata Oliveira Giesta, pelo [canal do Sesc Belenzinho no YouTube](https://www.youtube.com/channel/UC...).

QUANDO: 6/08 (sábado), das 15h às 16h30.

Grátis.

*Conheça também:

A história da amamentação no Brasil:

www.secsp.org.br/historia-amamentacao/

Curso EAD gratuito *Construindo o futuro: Introdução alimentar para bebês até 2 anos*: bit.ly/EAD-introducaoalimentar



Reprodução

PETER BROOK

Reflexões de um grande dramaturgo



Reflexões sobre Shakespeare

Neste livro, o diretor apresenta uma variedade de tópicos shakespearianos, como o trabalho do intérprete cênico, a atemporalidade do texto do bardo inglês, a produção artística dos espetáculos, seus bastidores, bem como a necessária reverência pela palavra e verso quando adaptados.

Na ponta da língua: reflexões sobre linguagem e sentido

Na obra, Brook estimula a investigação entre uma palavra e seu verdadeiro sentido. O dramaturgo parte das diferenças entre sua língua materna; o inglês; e a língua que adotou aos 45 anos de idade; o francês; quando fundou seu grupo de teatro em Paris, para realizar esse seu estudo. Brook retoma também o seminal conceito de espaço vazio enquanto trata do fazer teatral nesse livro.

Tocando de ouvido: reflexões sobre música e som

Neste livro que escreveu com 94 anos, Brook aborda a importância da música na produção artística e como condição humana. Partindo das aulas de piano que tinha aos 12 anos, o autor percorre sua vida por meio das mais variadas facetas do espectro musical: a experiência como diretor de ópera, a visão sobre o show business, a Broadway, música clássica, música no teatro e até mesmo as trilhas cinematográficas.



Luzia Costa

Língua, discursos e diversidade

“A língua é um leque imenso em que cabem muitas possibilidades”, já disse o professor, escritor e jornalista Pasquale Cipro Neto à *Revista E* [[leia Encontros publicado em novembro de 2021](#)]. Por conta dessa multiplicidade mutável, surge a necessidade de refletirmos sobre os limites da nossa língua e o quanto podemos expandi-la para atender às novas demandas da sociedade. Palavras e expressões são questionadas e caem em desuso por terem sido criadas com o intuito de ferir ou de excluir camadas sociais e diferentes povos, como acontece no racismo linguístico. “O racismo não vai acabar pela língua. Mas é seguramente na língua que ele se reproduz de maneira mais ligeira e disfarçável. Ao passar dos anos, vemos como as pessoas buscam repugnar o racismo e passam a disfarçar o seu racismo na língua”, observa Gabriel Nascimento, professor de Língua Inglesa/Ensino de Línguas/Campo da Educação da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) e doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade de São Paulo (USP). Gabriel conduziu, em abril passado, uma das aulas do curso *Língua, discursos e diversidade: racismo linguístico e linguagem neutra*, pelo projeto Fora da Caixa, do Sesc Pompeia. Também entra em discussão a urgência do nascimento de novas palavras, artigos e expressões que abarquem todas as identidades e que não invisibilizem qualquer existência. “Apesar de não haver ainda uma inclusão da linguagem neutra em instâncias oficiais, o seu uso é cada vez mais comum entre falantes das mais diversas origens no português e em outras línguas pelo mundo”, aponta Dri Azevedo, que possui doutorado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), e é docente do Departamento de Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Neste *Em Pauta*, Azevedo e Nascimento nos convidam a refletir sobre o tema a partir de leituras e estudos sobre a língua.



O racismo linguístico e a visão de língua que ele impõe

POR GABRIEL NASCIMENTO

Que normalmente chamamos de línguas são invenções que foram surgindo das formas como os diferentes sistemas de poder, racismo, colonialismo, heteropatriarcado influenciaram as formas/práticas de linguagem em cada época. Especialmente na modernidade, isso tem sido mais do que uma simples influência, mas um encadeamento de imposições sociorraciais em que as línguas (o português, por exemplo) foram impostas como um conjunto de práticas monolíngues do colonizador.

Chamamos de língua portuguesa, tomando por paráfrase a descrição de língua acima, uma imposição sociorracional do poder branco e do surgimento de uma branquitude social na Península Ibérica que, ao se expandir, coisificou na língua a sua bandeira ideológica que é, desde o berço, racista. Isso quer dizer que o racismo não surge do contato do colonizador com o colonizado, mas da própria cabeça do colonizador, do fetiche com o colonizado, do sistema de horror que passou a implantar diante da sua insuficiência histórica.

O racismo não é um sistema de poder que nasce do contato porque não podemos pressupor que a pele escurecida de milhões de africanos ou de não brancos em geral no mundo tenha gatilho para que a colonização, a amputação, o trabalho forçado, o açoite e o estupro tenham ocorrido contra povos que tinham histórias locais autônomas e não histórias mundiais. O nome das línguas, portanto, segue uma tradição antiga, que é o início da argumentação em torno da ideia de racismo linguístico. O conceito de racismo linguístico surgiu para agregar e problematizar, ao mesmo tempo, as concepções de língua e linguagem que habitam a cabeça das pessoas, o que vai além de palavras como itens acabados. O termo *denegrir*, por exemplo, nos serve de metáfora. Ele existe desde antes da escravidão, quando o latim *denigrare* já expunha a ideia de *manchar*.

Nada nessa palavra, em sua origem, denota o racismo porque não havia negros (ao menos numa tradição logofonocêntrica, isto é, em que métodos de escrita alfabéticos se baseiam na pressuposição de que os sons podem gerar descrições em torno de letras e palavras) quando essa palavra passou a ser usada inicialmente. O que faz dessa palavra racista é a utilização cada vez mais comum do termo *negro* na modernidade e a utilização, sempre do ponto de vista brancocêntrico,

de aspectos morfológicos de palavras com certa vizinhança, similaridade ou verossimilhança ao termo. Essas palavras, como é o caso de *denegrir*, tendo origem comum ou similar ao substantivo *negro*, que passou a ser usado para tatuar com o racismo as populações escurecidas e com traços africanos, passaram a ser objetificadas (antropomorfizadas) para se referir a pessoas negras.

Ou seja, em que pese uma palavra não tenha origem na escravidão, ela pode se tornar um artefato ressignificado a partir desse período. Diversos estudiosos têm se debruçado sobre o tema em vários aspectos. O crítico literário Henry Louis Gates Jr. chama a forma como as populações negras modificam palavras que antes eram racistas e passam a fazer usos folclóricos ou artísticos de “significação negra” (*Black signifyin*), para elucidar a famosa questão em torno de imutabilidade da língua.

Línguas são processos absolutamente em edição pelos falantes, ainda que se acredite na ideia de que as pessoas é que se submetem à língua (como várias tradições linguísticas têm reproduzido até aqui), as comunidades linguísticas provam a cada tempo que elas fazem disputas importantes das línguas (nacionais, naturais), sempre de forma política. Com isso, identificamos que, em que pese o racismo linguístico (do termo *denegrir*, por exemplo), outras manifestações passam a utilizar o termo para o beneficiamento de direitos civis dessas populações.

PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO

É o caso de instrumentos decisivos para os movimentos negros no Brasil, como a Imprensa *Negra* Paulista, o Teatro Experimental do *Negro*, a Frente *Negra* Brasileira, a Convenção Nacional do *Negro*, Movimento *Negro* Unificado, União de *Negros* pela Igualdade, entre outros usos. Fica explícito que os negros brasileiros, antes pretos, cativos, escravos, pardos, boçais, andinos, baianos, entre diversos outros nomes coloniais, passam a disputar o próprio nome e o signo a que são submetidos.

Institucionalmente ou não, as pessoas negras passam a admitir que seus direitos só serão conquistados se, ao invés de negar os nomes, o nome passar a servir a uma ressignificação. Mais do que isso, os usos parecem confirmar o que o linguista Arthur Spears problematiza



Luysa Costa

como *incremento* (*augmentation*) que as populações negras vão gerando a termos antes racistas que, segundo tenho colocado, têm continuado racistas. Isso ajuda a responder às questões de se é preto ou negro, por exemplo. Como já demonstrado, ambas as palavras podem ser utilizadas como racistas, a depender do contexto.

O racismo não vai acabar pela língua. Mas é seguramente na língua que ele se reproduz de maneira mais ligeira e disfarçável. Ao passar dos anos, vemos como as pessoas buscam repugnar o racismo e passam a disfarçar o seu racismo na língua. Mesmo que elas não usem termos que lembrem a escravidão e o horror que as fizeram chegar nesse mundo em que pessoas negras continuam marcadas pela linha da morte, os gestos supratextuais, paralinguísticos ou etnolingüísticos demonstram que os gestos também compõem as formas de linguagem, em que pese a mudança nas palavras.

Por isso, as mudanças com as palavras são importantes porque passam a refletir a mudança epistêmica, mas os gestos e as significações, que habitam a ontologia do racismo e, particularmente, das pessoas negras, mantêm-se de pé nos gestos, nas ironias, nas maneiras como as sinhás e senhores vão sendo ressignificados nos modos urbanos de performatividade linguística.

Métodos de urbanidade, civilidade ou escolaridade podem e devem nos levar a formas mais abstratas e cada vez mais cruéis de racismo, quando não se poderá negar que não há racismo nas práticas. Se uma pessoa não diz que um preto é “macaco”, mas ela insinua com um código que ela e amigos criaram (um sinal, um modo de articulação da boca, uma dança etc.), tudo isso só simboliza a maneira com a qual o racismo vai se articulando discursivamente na língua. É preciso, com isso, que o falante vigilante também vá mudando a forma como advoga pela existência das línguas, em que não se foque apenas em aspectos do mundo do sentido escrito, dicionarizado das formas racistas. As línguas têm produzido aparelhamentos cada vez mais abstratos que, conforme vemos, têm colocado pessoas negras na condição de mentirosos, fingidores e vitimistas.

É com essas noções, especialmente as de tratamento da ideia de língua e como as línguas estão vinculadas a sistemas de violência que estão ao nosso redor e em nós mesmos, que vamos enfrentar a produção de termos e a repetição abusada de um aparelhamento racista que não considera as pessoas negras como falantes legítimos. Mais do que uma norma que atue como vigia dos usos da língua, o racismo linguístico é uma

perspectiva que deve ser usada para frear a própria língua em seu sentido mais racista, na forma como privilegiamos formas de escrita e fala (padrão, culta etc.) sem, com isso, problematizarmos os sujeitos, as pessoas, o mundo. ■

O RACISMO LINGÜÍSTICO
É UMA PERSPECTIVA
QUE DEVE SER
USADA PARA FREAR A
PRÓPRIA LÍNGUA EM
SEU SENTIDO MAIS
RACISTA, NA FORMA
COMO PRIVILEGIAMOS
FORMAS DE ESCRITA E
FALA SEM, COM ISSO,
PROBLEMATIZARMOS OS
SUJEITOS, AS PESSOAS,
O MUNDO

GABRIEL NASCIMENTO é professor de Língua Inglesa/Ensino de Línguas/Campo da Educação da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade de São Paulo (USP) e autor de *Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo* (Letramento, 2019).

Não é por ser “erro de português” e eu posso mostrar

POR DRI AZEVEDO

Em 12 de julho de 2021, o Museu da Língua Portuguesa, um dos mais prestigiados espaços culturais do país, localizado na cidade de São Paulo, divulgou, em seu perfil no Twitter, uma publicação utilizando a linguagem inclusiva – mais precisamente, fizeram uso do termo “todes”. A publicação gerou diversas reações, umas aprovando, outras em forte desaprovação, inclusive da classe política. Por conta da polêmica, a instituição emitiu uma nota onde dizia “ser um espaço para a discussão do idioma, suas variações e mudanças incorporadas ao longo do tempo”, e que estaria “sempre na perspectiva de valorizar os falares do cotidiano e observar como eles se relacionam com aspectos socioculturais, sem a pretensão de atuar como instância normatizadora”.

Apesar de não haver ainda uma inclusão da linguagem neutra em instâncias oficiais, o seu uso é cada vez mais comum entre falantes das mais diversas origens no português e em outras línguas pelo mundo. No inglês, o seu uso é bastante comum, como no uso neutralizante dos pronomes “*They/them*”, utilizados por pessoas trans, ou no caso da língua francesa, que teve o pronome neutro “*iel*” oficializado pelo tradicional dicionário *Le Robert*, em 2021. Os representantes do *Le Robert* argumentam a inclusão por conta do reconhecimento de que o uso do pronome neutro está em alta na França, defendendo que a língua é viva e construída em seu uso pelos seus falantes.

O prestigiado linguista da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) Sírio Possenti tem uma famosa citação que segue a mesma linha do caso francês, onde ele diz que “não há língua que permaneça uniforme, todas as línguas mudam, e esta é uma das poucas verdades indiscutíveis em relação às línguas, sobre a qual não pode haver nenhuma dúvida”. Temos muitas mudanças recentes pelas quais a língua portuguesa passou, com as quais podemos exemplificar a afirmação de Possenti: o pronome Vossa Mercê, por exemplo, que foi sendo transformado em Vosmecê → Vosmecê → Você. Além de expressões e termos que caíram em desuso ou se tornaram pouco usuais, como ceroula (cuecas compridas), supimpa (significa que algo está bom), safanão (uma forma de dar bronca), sirigaita (mulher fogosa ou namorada) etc.

Além de ser viva, os usos que a sociedade faz da língua também são ideológicos, é o que afirmou o

filósofo russo e sociolinguista Mikhail Bakhtin, ao dizer que “a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político etc”. E complementa: “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios”.

Ou seja, ao termos uma população que se coloca contra o uso da linguagem neutra, ou linguagem inclusiva, que tem sido implementada e popularizada para uma melhor expressão da existência de algumas pessoas trans no discurso e como estratégia para combater a ideologia patriarcal da língua – como por exemplo, no nosso masculino genérico (“boa tarde a todos”) que, ao contrário do que as *fake news* afirmam, não é uma evolução do neutro do latim, já que o neutro latino se referia à classe dos seres inanimados e, quando evoluiu do latim vulgar para o português, se tornou, em alguns casos, tanto palavras gramaticalmente femininas como masculinas (não tendo a ver com o que hoje entendemos como gênero neutro). Isso pode ser constatado na coleção *Gramática histórica: do latim ao português brasileiro*, do professor Carlos Bagno, da Universidade de Brasília - UnB.

MUDANÇAS CONSTANTES

É importante frisar, também, que a língua portuguesa surgiu há muitos séculos, e é resultado de sucessivas modificações naturais que os falantes do latim vulgar, do encontro com outras línguas estrangeiras – como o árabe, o galego-português –, produziram no latim. O português hoje é o oitavo idioma mais falado do planeta, e passa por profundas modificações de acordo com o contexto geográfico no qual é usado, a sociedade, a cultura e os costumes. É uma língua viva, como qualquer outra.

A importância de aprendermos a linguagem neutra é de rompermos com um discurso binário e cisheteropatriarcal – lembrando que o discurso produz os corpos e suas materialidades. Ao nos engajarmos no uso do neutro, também legitimamos corpos que não se adequam a essas normas, corpos que não são vistos pela sociedade como “verdadeiros” ou “legítimos”. Existir na linguagem é ter a sua subjetividade reconhecida. Além disso, ao acertarmos o pronome

COLABORAR PARA MAIS PESSOAS EXISTIREM NO DISCURSO É UM GESTO DE CIDADANIA E DIGNIDADE

de pessoas trans, estamos demonstrando respeito, afeto e reconhecimento. É como dizer: sua identidade é acolhida por mim, você pode ter a liberdade de ser quem você quer ser.

Existem muitas formas de produzir a binariedade dos corpos, não só pela linguagem. Mas rompendo com esses sistemas das línguas neolatinas que não cabem mais nas nossas realidades socioculturais e políticas contemporâneas, já damos um enorme passo para irmos rompendo aos poucos com as outras instituições, como a médica, jurídica e educacional, por exemplo.

Quem resiste a romper com os binarismos das línguas neolatinas e persiste em utilizar o masculino genérico, na verdade tem um compromisso com a ideologia cisheteropatriarcal. É também uma resistência que pode ser pensada de acordo com o que o pesquisador e escritor Marcos Bagno chamou de “preconceito linguístico”, em seu livro amplamente utilizado nos cursos de letras de universidades brasileiras intitulado *Preconceito linguístico: o que é, como se faz* (1999). Preconceito linguístico é justamente o juízo de valor negativo em relação a especificidades de falares de determinadas regiões não centrais, sotaques, diferenças culturais etc. Esse tipo de valoração geralmente é feito a partir de lugares hegemônicos de classe, raça, gênero e idade a fim da manutenção dessas hegemonias.

Para compreender melhor o uso dos pronomes neutros, e porque eles estão sendo utilizados, deixo como recomendação o *Guia para Linguagem Neutra (Pt-Br)*, criado por Ophelia Cassiano e publicado na plataforma Medium (link de acesso: bit.ly/guia-linguagem-neutra).

Ophelia e outros criadores do projeto o iniciam dizendo que “por muito tempo nosso idioma oprimiu mulheres e pessoas trans não binárias, intersexo e gênero não conformantes, usando do binarismo e do cissexismo constantemente para favorecer ‘o masculino dominante’. Era essencial para a sociedade a existência de um sistema de ‘LINGUAGEM NEUTRA’ para trazer soluções que antes não existiam”.

Ainda, aconselhando as pessoas que têm medo das mudanças linguísticas neutralizantes, e que ficam com medo das adaptações, “es” criadores fazem uma referência à emblemática frase de Samuel Becket (“Tente de novo, falhe novamente. Falhe melhor”), ao dizerem que no processo de adaptação do uso do neutro “você vai errar, acertar, errar de novo, e ir acertando um pouco de cada vez (É de ‘cada vez’ e não de ‘uma vez só’). É um treino absolutamente necessário. Por ‘treino’ significa que você vai repetir as tentativas. Com o tempo, fica fácil. É prática”.

Aconselho que tentem, que falhem, que se arrisquem a uma mudança profunda na nossa forma de organização do pensamento que exclui e reitera lugares de poder dentro da nossa sociedade. Colaborar para mais pessoas existirem no discurso é um gesto de cidadania e dignidade. É parte de uma sociedade justa, plural, que quer se adaptar ao novo, e não a uma fantasia absolutamente inexistente de um português imutável, arcaico e normativo. ■

DRI AZEVEDO é doutora em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), professora substituta do Departamento de Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e integrante do Laboratório de Teorias e Práticas Feministas da UFRJ.

ROSTOS DA FOME

PESQUISADOR RESPONSÁVEL PELO 2º INQUÉRITO NACIONAL
SOBRE INSEGURANÇA ALIMENTAR NO CONTEXTO DA PANDEMIA
DE COVID-19 FALA SOBRE SITUAÇÃO DE EMERGÊNCIA NO PAÍS

Quase dois anos e meio de pandemia se passaram e a crise econômica e a desigualdade social se agravaram, escancarando o problema da fome, cujas causas têm raízes profundas e diversas. É o que revela o **2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil** (Il Vigisan), desenvolvido pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar (Rede PENSSAN), em parceria com o Sesc São Paulo, a Ação da Cidadania, ActionAid Brasil, plataforma FES Brasil, Instituto Ibirapitanga e Oxfam Brasil. A pesquisa, responsável por realizar 12.700 entrevistas com apoio do instituto Vox Populi, aponta que 33,1 milhões de brasileiros(as) convivem atualmente com a fome, um aumento de 73% em relação a 2020. É importante perceber que, por trás do resultado do levantamento, pequenas mudanças percentuais nas estatísticas significam milhões de famílias carentes de comida à mesa. Hoje, apenas quatro em cada dez domicílios no país conseguem manter o acesso pleno e adequado à alimentação. E a situação é pior nas regiões Norte e Nordeste, nas zonas rurais, em lares comandados por mulheres, pretos(as) ou pardos(as), pessoas com baixa escolaridade, desempregadas ou com emprego informal. Coordenador da Rede PENSSAN, Renato Maluf, pesquisador e professor titular do Departamento de Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (DDAS-UFRRJ), explica neste *Encontros* a piora desses indicadores, seus desdobramentos, contextos e possíveis soluções. “Nosso inquérito contribui para um tema que já estava em debate público, mas o que ele fez foi dar números e rostos para a fome”, destaca. Saiba mais sobre a pesquisa coordenada por Maluf em: olheparaafome.com.br.



INSEGURANÇA ALIMENTAR

O resultado que mais chamou a atenção [na pesquisa], pela gravidade, foi o número de 33,1 milhões de brasileiras e brasileiros que convivem com a fome. A medida usada foi a Escala Brasileira de Insegurança Alimentar (EBIA), que é uma medida de percepção dos entrevistados sobre a sua condição e a de sua família. É um indicador subjetivo, porém, como a gente sempre lembra, quando alguém diz que passou fome, isso não tem nada de subjetivo. Isso é muito objetivo. A insegurança alimentar, medida por essa escala, tem três graus: a leve, quando a família tem seu padrão habitual comprometido na qualidade, isto é, come pior; a moderada, quando o padrão habitual é comprometido na quantidade (não passa fome, mas come menos do que normalmente); e a grave, em que ao menos um membro da família passou fome em um período, por falta de alimento. Esse é um agravamento que vem desde 2016, mas que se acelerou muito no período recente. Nós fizemos o primeiro inquérito com dados de 2020 e chegamos a 19 milhões de pessoas em situação de fome. Agora, com dados entre novembro de 2021 e abril de 2022, esse número saltou para 33,1 milhões. Isso quer dizer que em pouco mais de um ano 14 milhões de pessoas ingressaram no contingente dos famintos. Isso é mais que a população da capital paulista e mais que o dobro do município do Rio de Janeiro – as duas maiores cidades brasileiras. Nosso inquérito contribui para um tema que já estava em debate público, mas o que ele fez foi dar números e rostos para a fome. É uma pesquisa

feita com muito rigor, comparável com a aferição da EBIA [Escala Brasileira de Medida Direta e Domiciliar da Insegurança Alimentar] que o IBGE faz regularmente a cada quatro anos – a última foi em 2018. A gente buscou parceiros, que financiaram a pesquisa, cujo trabalho de campo foi feito pelo instituto Vox Populi. Nesse segundo inquérito, reunimos um grupo ainda maior de parceiros, entre eles o Sesc São Paulo, o que nos permitiu fazer uma pesquisa mais ampla. No primeiro, a gente fez 2.100 entrevistas. Neste, foram 12.700. Isso só foi possível porque conseguimos um apoio substantivo, o que nos permitirá, também, desagregar mais os dados.

GÊNERO, RAÇA E IDADE

No resultado nacional já deu para mostrar que a fome no Brasil tem gênero, raça, idade e moradia. Domicílios liderados por mulheres são mais vulneráveis do que a média, que já é elevada. Domicílios liderados por pessoas que se declaram de cor parda ou preta [também] são mais vulneráveis, assim como domicílios com crianças menores de 10 anos e aqueles localizados no meio rural. É uma situação grave, que já vinha se deteriorando há alguns anos e que se acelerou muito no período recente. Nós vínhamos numa tendência virtuosa até 2014, quando a fome não atingia nem 4% dos domicílios. A apuração seguinte foi em 2017/2018, quando já estávamos com apenas 60% dos domicílios em segurança alimentar, um indicador parecido com o de 2004, o que significa que, em quatro anos, a gente retrocedeu 14 anos.



Foto: Arquivo pessoal

SOMATÓRIO DE FATORES

A pesquisa não afere isso diretamente, mas é possível identificar que aí [em 2014] começa uma crise econômica importante no país, geradora de desemprego. Depois, somou-se uma crise política, com a retração de políticas públicas. Além disso, houve a intensificação de um processo de precarização do trabalho. Mais de 40% da população brasileira ocupada passa a estar no que se chama de trabalho informal – precário, mal remunerado e incerto. Tivemos, ainda, um desmonte de programas públicos e a interrupção do processo de valorização do salário mínimo, o que teve efeito sobre um conjunto muito grande de remunerações, entre as quais a previdência e os benefícios de prestação continuada da seguridade social. Nossa pesquisa mostrou que a queda de renda é um fator fundamental [nesse cenário de aumento da fome] e que aqueles que têm trabalho formal estão em melhor condição. Os indicadores de insegurança alimentar são mais elevados naquelas famílias que têm menos de meio salário mínimo [R\$ 606,00] per capita mensal. Famílias que têm acima de um salário mínimo [R\$ 1.212,00] per capita mensal já estão em condição melhor de segurança alimentar. E, entre os fatores de vulnerabilidade [para a fome], está a escolaridade: famílias cujo responsável tem baixa escolaridade são mais vulneráveis.

DESIGUALDADE E PANDEMIA

Somos uma das sociedades mais desiguais do mundo, não podemos esquecer disso. As desigualdades sociais brasileiras se manifestam nesses momentos de forma bastante explícita. E o que a pandemia tem a ver com isso? Não se pode dizer que a pandemia causou, mas ela agravou um quadro que já vinha sendo construído. E ela não afeta igualmente a todos: a desigualdade aparece aí também. A pandemia afetou o mundo todo, mas atingiu ainda mais os países desiguais como o nosso. Esse agravamento afetou fortemente os setores mais vulnerabilizados. A fome, assim como a pobreza, é uma mazela social que tem múltiplas dimensões.



A FOME TEM CAUSAS
HUMANAS, ECONÔMICAS.
NÃO É UMA FATALIDADE

INFLAÇÃO EM ALTA

Além de tudo, tem a inflação dos alimentos, desde o final de 2021. No inquérito, temos vários testemunhos das pessoas [sobre o tema]. A inflação não foi objeto de uma medida específica, mas a gente mediu, por exemplo, a mudança na composição da alimentação [dos brasileiros]: quais produtos deixaram de ser comprados. Ali, já se nota o reflexo dos preços. A inflação de alimentos é uma causa adicional de agravamento da situação, mas não podemos achar que é a causa, assim como a pandemia.

AÇÕES SOLIDÁRIAS

Atos de solidariedade são sempre meritórios e devem ser valorizados. Existe um lado bastante bom na sociedade brasileira, que não é pequeno. Entre outras manifestações, ele aparece na solidariedade. Não tiro o mérito dessas ações, até porque a fome degrada e mata, mas não aposto nelas [como solução definitiva]. Acho que devemos apoiá-las, eu mesmo participo, como indivíduo, mas essa não é a minha referência. Senão, vou achar que o encaminhamento da solução é a gente encontrar grandes doadores, grandes ações de benemerência. A sociedade civil brasileira se organiza e continua mobilizada, apesar de todos os contratemplos que a gente enfrentou. [Há] Ações de solidariedade como distribuição de cestas, associações comunitárias, grupos de bairro, sindicatos. Seria muito importante se esse potencial se tornasse objeto de preocupação permanente. Se tem uma associação de moradores capaz de organizar doação de cestas básicas para pessoas vulneráveis – e há inúmeras, a gente viu matérias sobre isso nos jornais –, ela deve ser estimulada a continuar discutindo alimentação depois que não precisar mais de cesta. Aí nós vamos discutir alimentação saudável, vamos discutir as estruturas de abastecimento, se as famílias dos bairros periféricos têm acesso a equipamentos que oferecem alimentação adequada a um preço razoável. É preciso que os sindicatos coloquem os alimentos na sua pauta de mobilização. Essa é uma maneira de você aproveitar esse potencial de solidariedade e transformar os alimentos e a alimentação em temas permanentes da agenda.

REFERÊNCIAS À FRENTE

Houve muita ação estadual e municipal durante a pandemia. Eu me lembro do Consórcio Nordeste, que [em 1979] criou a **rede Josué de Castro** de segurança alimentar, juntando colegas de universidades e organizações não governamentais. A politização da fome no Brasil, no sentido de colocá-la como prioridade política e buscar diagnosticar suas causas, foi uma conquista nossa, que começou com Josué de Castro [*médico nutrólogo pernambucano, ativista no combate à fome e pioneiro ao defender a instituição do salário mínimo como garantia de segurança alimentar às famílias; 1908-1973*]. A fome tem causas: humanas, econômicas. Não é uma fatalidade. No livro *Geografia da fome*, de 1946, nosso grande Josué de Castro disse que a fome continuava como um tabu na sociedade. Esse tabu foi rompido posteriormente, com muita dificuldade. Com o fim da ditadura e o início da redemocratização no país, nós tivemos o ressurgimento de uma mobilização que resultou na **Ação da Cidadania** [*fundada em 1993 pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho*]. A fome apareceu naquele momento como um tema público. Ao longo dos anos 1990, vimos o desenvolvimento no campo político da soberania, da segurança alimentar e do direito humano à alimentação.

CONTRIBUIÇÃO ACADÊMICA E ESCOLAR

A partir de 2003, cresceu o número de grupos de pesquisa nas universidades dedicados ao tema da fome, acompanhando as políticas públicas. No último encontro da Rede PENSSAN (Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar), mesmo sendo remoto e com todas as dificuldades, nós tivemos mais de 300 trabalhos inscritos. No anterior, foram mais de 400. Há uma dedicação ao tema de forma crescente. Então, há uma resposta da academia na geração de conhecimento e, principalmente, na elaboração de propostas. Quando a academia gera conhecimento, ela tem que fazer isso dialogando com as organizações sociais. Ainda temos muito o que avançar no campo da educação alimentar e nutricional. Mas já fizemos muita coisa. Quando o Ministério da Saúde lançou o Guia Alimentar para a População Brasileira [*que teve sua primeira edição em 2008 e a segunda, em 2014*], recebemos elogios de várias partes do mundo. Então, há iniciativas muito valorosas nesse sentido. As escolas são o equipamento público mais difuso e capilar que nós temos, estão em todos os municípios, em quase todos os bairros. E já tem muita experiência no Brasil das escolas como espaços para se discutir alimentação.

RENATO MALUF esteve presente na reunião virtual do Conselho Editorial da *Revista E* no dia 30 de junho de 2022.

MAIS DA METADE (58,7%) DA POPULAÇÃO BRASILEIRA ESTÁ EM SITUAÇÃO DE INSEGURANÇA ALIMENTAR (QUANDO UMA PESSOA NÃO TEM ACESSO REGULAR E PERMANENTE A ALIMENTOS)*

CAMINHOS E SOLUÇÕES

Além de sugerir caminhos [*para combater a fome no Brasil*], nós temos experiência. A gente sabe como faz e já fez. Numa época, achei que estávamos caminhando para uma condição em que iríamos parar de falar sobre isso para começar a discutir valores, direitos, civilização, convívio. Pensei: “Será que a sociedade brasileira vai subir para um outro patamar civilizatório?” Não, infelizmente ela retrocedeu. Mas ela esteve perto, portanto, é possível. A experiência brasileira [*nesse sentido*] foi muito reconhecida [*internacionalmente*]. Tem muita proposta, muito caminho [*para combater a fome*]. Começa por recompor as bases democráticas da sociedade, reabrir espaços de participação social. Que o país volte a debater abertamente seus conflitos, suas tensões, as diferenças de opinião. E aí, você constrói. ■

65% DOS LARES COMANDADOS POR PESSOAS PRETAS OU PARDAS CONVIVEM COM RESTRIÇÃO DE ALIMENTOS EM DIFERENTES NÍVEIS. EM 18,1% DELES, AS PESSOAS PASSAM FOME. JÁ NAS CASAS EM QUE O RESPONSÁVEL SE AUTODECLAROU BRANCO, A INSEGURANÇA ALIMENTAR É DE 46,8%*

* Dados do 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil (II VIGISAN), desenvolvido pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar (Rede PENSSAN) em parceria com o Sesc São Paulo, a Ação da Cidadania, ActvionAid Brasil, plataforma FES Brasil, Instituto Ibirapitanga e Oxfam Brasil. Saiba mais em: olheparaafome.com.br.

Ouçã o *podcast* deste **Encontros com Renato Maluf**.

POVOS DA FLORESTA

Cena do documentário *A Última Floresta* (Brasil, 2020), de Luiz Bolghesi/Divulgação

LIDERANÇA YANOMAMI E ESCRITOR, DAVI KOPENAWA FALA SOBRE PRESERVAÇÃO DA CULTURA DOS POVOS ORIGINÁRIOS E LUTA PELA PROTEÇÃO DA AMAZÔNIA

Em 2022, comemoram-se três décadas da demarcação da Terra Indígena Yanomami, reserva com área superior a 9 milhões de hectares de Floresta Amazônica, entre os estados de Roraima e Amazonas, na fronteira com a Venezuela. A homologação foi feita pelo então presidente Fernando Collor de Mello, em 25 de maio de 1992, dias antes da realização da Eco-92, no Rio de Janeiro [*leia matéria publicada na Revista E nº 308, de junho de 2022*]. Um dos maiores líderes políticos e porta-voz do povo Yanomami, que lutou durante décadas por essa conquista, é o escritor e xamã Davi Kopenawa. Ele esteve pessoalmente na 26ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, em 8 de julho, quando participou de um bate-papo, ao lado do jornalista Felipe Milanez e da filósofa e professora indígena Cristine Takuá, sobre a biodiversidade amazônica. A atividade aconteceu no Salão de Ideias, espaço do Sesc São Paulo na Bienal. Kopenawa também esteve no Sesc Pompeia, no último 19 de abril, quando integrou uma mesa de debate ao lado do filho, Dário Kopenawa, do fotógrafo Sebastião Salgado – que registrou, nos últimos anos, comunidades originárias isoladas que estão retratadas na exposição *Amazônia*, no Sesc Pompeia até 31 de julho [*leia Depoimento publicado na Revista E nº 307, de maio de 2022*] – e do antropólogo Marcos Wesley, coordenador do programa Rio Negro, no Instituto Socioambiental (ISA).

Reconhecido internacionalmente, Davi Kopenawa recebeu prêmios importantes, como o Global 500, da Organização das Nações Unidas (ONU), e a Ordem Nacional do Mérito, concedida pelo então Ministério da Cultura brasileiro. Kopenawa, cujo nome significa “vespa” em seu idioma nativo, é um dos fundadores da Hutukara Associação Yanomami e autor da autobiografia *A queda do céu – Palavras de um xamã yanomami* (Companhia das Letras, 2015), publicada originalmente em francês, em 2010, em colaboração com o antropólogo Bruce Albert. Ele também colaborou com o roteiro do documentário *A Última Floresta* (Brasil, 2020), dirigido por Luiz Bolognesi, filme que mostra como o xamã tenta manter a vida e as tradições do povo Yanomami. A produção audiovisual esteve presente na programação do projeto *Luta Yanomami: Cinema como Aliado*, realizado pelo CineSesc, entre julho e agosto de 2021. Neste mês em que é celebrado o Dia Internacional dos Povos Indígenas (9/08), esse *Depoimento* traz alguns trechos da fala de Kopenawa ao público do Sesc Pompeia, em abril, reflexões quanto à língua, conflitos, futuro e o trabalho de resistência para a defesa dos povos indígenas e da Amazônia.

NOSSA TERRA-MÃE É ONDE NÓS
NASCEMOS, E VOCÊS TAMBÉM.
ENTÃO, VAMOS LUTAR JUNTOS.
NOSSAS GERAÇÕES FUTURAS
VÃO PRECISAR DA FLORESTA
AMAZÔNICA VIVA E EM PÉ



LÍNGUA VIVA

Nós somos todos irmãos. Para vocês, não indígenas, o seu povo veio de outro mundo. [*Mas aqui*] Já havia as nossas palavras. Sou representante dos povos Yanomami [*cuja palavra se origina de “filhos de Omama”, considerado o criador da floresta, dos seres humanos e dos animais*], Ye'kuana e de outros parentes indígenas do Brasil, dos quais o meu povo cuidou no passado. É muito importante você escutar o povo Yanomami que mora lá na “cabeceira” do Brasil. A língua Yanomami está viva, e nosso povo não quer perder a sua própria língua. A sociedade, o povo [*da*] cidade quer acabar conosco,

com a nossa língua, para só falarmos português. Isso nós não queremos. Mas estamos aprendendo a falar português para que possamos contar para vocês os problemas da nossa comunidade.

AMEAÇAS EXTERNAS

Vocês não conhecem mesmo os Yanomamis, nunca chegaram lá na nossa casa. Muito poucos [*não indígenas*] chegam à minha casa, em Roraima, no Amazonas, na fronteira do Brasil com a Venezuela. Hoje em dia é muito importante escutar a nossa fala. O que estamos enfrentando é algo muito perigoso. Os destruidores aumentaram muito. Estão invadindo a nossa casa, nossa floresta, nossa terra-mãe. As autoridades não estão querendo nos ouvir. Só querem escutar grandes empresários, só pensam em dinheiro, desmatamento, destruição para tirar ouro, minério. Nós, povos indígenas, olhamos a floresta, amamos a floresta. É por isso que lutamos para ter a nossa terra Yanomami. A nossa terra é muito importante para nós. E para você [*deveria ser*] também, pois sem terra [*protegida*] não tem vida, não tem água limpa, não tem saúde. Tudo seria poluído. Nós, povo Yanomami, continuamos lutando com coragem até o fim. Não vamos abaixar a cabeça.



Foto: Divulgação

Cena do documentário *A Última Floresta* (Brasil, 2020), de Luiz Bolognesi, filme que mostra como o xamã tenta manter a vida e as tradições do povo Yanomami.

REFORÇO NA LUTA

Estou muito contente, me sinto forte, porque [muitos de] vocês estão ao nosso lado. Hoje em dia, o indígena não está sozinho. Tem muita gente guerreira que mora nas cidades e luta por nós, pela Amazônia. Antigamente, o meu povo estava muito sozinho e “apanhava” muito das [decisões] políticas, era maltratado. Hoje, nós aprendemos também a “bater” no homem branco. Se você pensa que estamos sozinhos, estamos junto com xamãs e milhares de *xapiris* [guardiões invisíveis das florestas; espíritos nos quais se acredita que os ancestrais animais dos Yanomami se transformam] dentro do nosso planeta Terra. A força da natureza está nos protegendo. Se não tivesse a natureza, nossos povos Yanomami, Ye'kuana e outros parentes já teriam morrido há muito tempo. Pessoas como Claudia Andujar [fotógrafa e ativista suíça naturalizada brasileira de 91 anos, cuja carreira, a partir da década de 1970, concentrou-se na defesa dos Yanomami] e Beto Ricardo [antropólogo que participou da fundação da Comissão para a Criação do Parque Yanomami (CCPY), em 1974, primeiro passo para a demarcação da Terra Indígena Yanomami, 18 anos depois] brigaram por nós, para que a Funai (Fundação Nacional do Índio) e o governo demarcassem as nossas terras. Eu agradeço o trabalho dele [Ricardo].

Foto: Divulgação



David Kopenawa e a fotógrafa Claudia Andujar em cena do recém-lançado documentário *Gyuri* (Brasil, 2021), dirigido por Mariana Lacerda, sobre a vida da artista e seu trabalho junto ao povo Yanomami.

FUTURAS GERAÇÕES

Uma minoria jovem [indígena] está sendo manipulada pelos políticos, esse é um dos problemas. Então nos ajudem, ajudem nossos filhos. Os filhos de vocês vão precisar da Floresta Amazônica, vão precisar tomar água. Sem água, vão morrer de sede. Água é vida, onde você vai tomar água limpa? No rio Tietê? É por isso que nós, Yanomami, não queremos que invasores continuem sujando os nossos rios. Então, vamos juntos para conseguir tirar 50 mil garimpeiros que estão lá. Se você não ajuda, é porque não conhece a nossa realidade. Nossa terra-mãe é onde nós nascemos, e vocês também. Então vamos lutar juntos. Nossas gerações futuras vão precisar da Floresta Amazônica viva e em pé. ■

Assista à íntegra do vídeo *Ciclo de Debates: Comemoração dos 30 Anos da demarcação da Terra Yanomami* (foto abaixo) mediado pelo jornalista Leão Serva e disponível no canal do YouTube do Sesc São Paulo: bit.ly/3nDf33V

Foto: Tiaba Benedito



O depoimento de Davi Kopenawa faz parte da ação Abril Indígena do Sesc São Paulo, que este ano teve como tema *SP: Terra Indígena*, buscando dar visibilidade à presença de povos tradicionais em territórios paulistas, por meio de bate-papos, oficinas, séries, documentários, apresentações presenciais e online. Saiba mais: sescsp.org.br/abrilindigena

Vida e amores da senhorita X

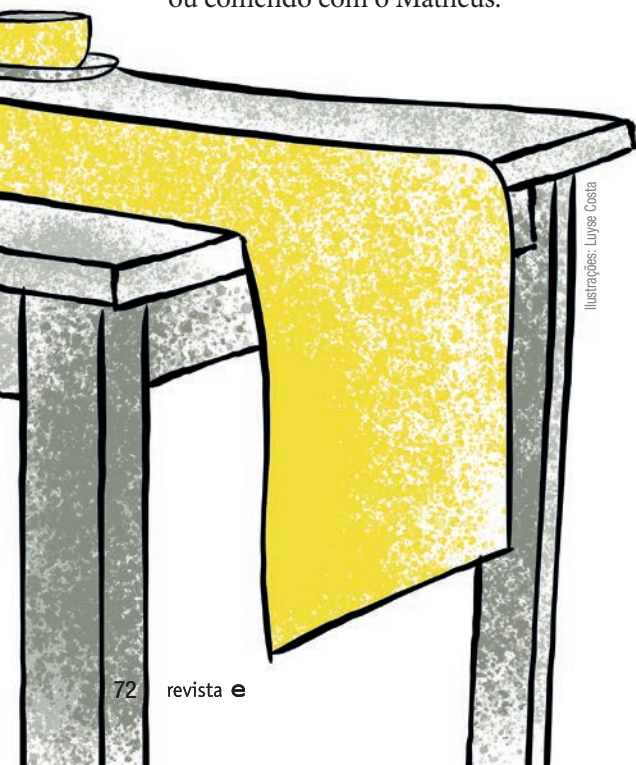
Era uma mocinha ainda — demos-lhe 17 aninhos — e recém-saída do colégio interno. Tinha aprendido que todo mundo é bom até que prove o contrário. E era um final de tarde ensolarado, numa cidade do interior. A mocinha, a senhorita X, abre a porta da frente da casa onde vivia como uma espécie de preceptora dos anos 2000, ou seja, uma simples professora de um garoto de 10 anos, de nome Matheus. Abre a porta da casa a um rapaz jovem, mas careca, ele é meio esquisito. Digamos que a impressão que a senhorita X experimentou foi como se um sol estivesse na porta, um sol irresistível, de praia; mas um sol de praia misterioso porque não deixava perceber onde estava a beleza meio esfuziante. Não dava pra saber se era muito jovem ou um pouco velho nem se era uma pessoa bonita que já tinha sido muito bonita. O engraçado é que ele era meio encantador e a senhorita X estava pensando nisso, parada na porta enquanto ele falava qualquer coisa e entregava um papel. Ao mesmo tempo, ele parecia dizer: Olha, não posso ficar longe de você nem um instante mais.

No dia seguinte o rapaz meio careca, meio jovem e muito bonito pôde entrar na casa e, ato contínuo, os dois estavam sobre a mesa do escritório. As canetas e os papéis todos no chão, a senhorita X com a saia levantada e o rosto ligeiramente virado para a janela da direita, por onde entravam as últimas réstias de sol.

Matheus tinha aula de português e de matemática. Uma criança meio infeliz com a escola. A senhorita X tinha sido monitora da sua turma quando terminava o curso de Magistério. A senhorita X queria ser uma professora séria, de saias abaixo do joelho, paletó, de preferência tudo na cor azul, a cor da seriedade, e se via andando pelos corredores do colégio enorme com uma pasta executiva e saltos altos. Mas na casa do pai do Matheus, onde ela tinha um quatinho só para si, ela andava de sandálias e de saias curtas, como a menina que ainda era. A senhorita X adorava ler as histórias infantis do Matheus, estudar com o Matheus, comer o cereal do Matheus e tomar banho de horas quando não estava lendo, estudando ou comendo com o Matheus.

Numa noite acordou com o pai do Matheus em cima dela. Foi um choro alto e um não, não, não. Por sorte o pai do Matheus saiu de cima dela e pediu desculpas enquanto ela cuspi o beijo. Ela só pensava na mesa e no rapaz meio velho e muito bonito mesmo que careca. E nos estudos do Matheus.

Depois a senhorita X começou a trabalhar no restaurante do pai do Matheus que funcionava no andar de cima. A casa tinha vários andares. Um deles, inclusive, era uma boate. E com o tempo, a senhorita X passou a se dividir em muitas tarefas: os estudos do Matheus, os beijos e tudo mais sobre a mesa do escritório com o rapaz meio jovem e muito bonito, o trabalho de servir as mesas do restaurante e, depois que o restaurante fechava, o trabalho de lavar copos na choperia, e depois o trabalho no bar da boate.



Ilustrações: Luíse Costa



Aos poucos a senhorita X parou de dar aulas pro Matheus e passou a trabalhar mais durante a noite. E ela passou a cuidar dos estoques de bebidas e da abertura e do fechamento dos caixas enquanto o pai do Matheus descansava, via filmes ou ficava sobre a mesa com uma amiga da senhorita X e bem mais alta do que ela. A senhorita X ganhava pouquíssimo. Mas o pai do Matheus sempre lembrava que ela morava na casa dele e então tudo o que ganhava era mais do que bom.

Mas aí chegou um momento em que aquele sol que bateu à porta naquele fim de tarde começou a achar ruim que ela andasse a noite inteira de saltos e à mercê dos assobios alheios, e eis que deu um ultimato: Ou você sai daqui ou eu saio da relação. Ela pensou um pouco e disse: Eu saio. Achava muito interessante o que eles faziam sobre a mesa. E na tarde seguinte, depois de roubar várias notas de cem de cada caixa que ela gerenciava, inclusive amassando uma e jogando no lixo na frente do pai do Matheus, que deve ter percebido tudo, mas deixou passar, fez as malas, deu um beijinho no Matheus, outro no pai dele e disse tchau. Sem deixar de recolher a bolinha que ela tinha jogado no lixo.

E estamos de novo observando a porta que a mocinha, a senhorita X, agora com 18 anos, abre numa tarde ensolarada de verão numa cidade do interior. E aquele sol do início do ano agora entra sem pedir licença: a casa é também dele e nela moram mais duas mocinhas, todas professoras. Mas ele está furioso e quebra a mesa. Vira o sofá, derruba as plantas, joga longe o ferro de passar. Todo mundo fica em polvorosa. O que aconteceu? Aparentemente, a senhorita X iria deixá-lo. Estava pensando em mudar de casa sem avisar. Ai, que coisa feia pra se fazer. Ele não gostou. Quebrou tudo, menos ela. E depois foi embora.

No dia seguinte os donos da casa, que moravam logo à frente, foram ver a senhorita X e falaram de Karma, e de se livrar. Ela não entendeu nada e decidiu dar mais uma chance ao sol. Foram morar numa casa amarela, num ponto distante da cidade. Os pais dela deram a mobília. E ela trabalhava numa papelaria. Ali roubou muitas coisas. Adorava papéis, agendas, mochilas. E, depois, seus irmãos precisavam. E mais, eles nunca pagam direito.

Mas o sol deu pra desaparecer. Às vezes ficava dois, três dias sem voltar pra casa. E a senhorita X começou a ficar, sei lá, meio histérica. E achou uns papелotes branquinhos nas calças dele. Hummmm, o seu sol agora era traficante. Em suas longas ausências, ela ficava lembrando como foram as primeiras vezes sobre a mesa. Sem querer acabou lembrando da vez em que o RP da boate a tinha obrigado a xxxx dentro do carro dele numa rua deserta. Ela era uma professora, de coque no alto da cabeça, óculos, saltos e toda de

azul, tentando parecer mais velha. E nunca tinha feito num carro. Depois lembrou da casa dele e da vez em que a deixou esperando na porta da escola. Definitivamente os rapazes sabem se fazer esperar, ela pensou. Mais dia, menos dia e você se vê esperando.

Numa noite, exausta do trabalho da papelaria, pôs a comida no fogo e deitou pra descansar um pouquinho.

Agora vemos a senhorita X acordando meio sufocada, imersa na fumaça da casa. A comida pegou fogo, a panela ficou imprestável, as cortinas também, mas ela nem precisou ir pro hospital. E ficou sozinha tempo suficiente para o cheiro da fumaça sair da casa. Quantos dias? Ela não lembra direito. O negócio das drogas devia ir bem, ele — o meio velho, meio jovem — desaparecia com muito mais frequência. Mas ela nunca via o dinheiro. Ele dizia estar montando um negócio próprio que iria deixar os dois muito ricos.

E então a senhorita X começou outra vez a querer deixar aquela casa. Num dia de especial indecisão, ligou para uma amiga que ia fazer um concurso. Como não tinha nada pra fazer, foi com a amiga. E pra passar o tempo, fez o concurso. E passou. E ficou tão feliz que esqueceu que ia embora da casinha amarela. Ela já tinha seus 19 anos e um trabalho promissor. Ele voltava pra casa às vezes e até ficava mais tempo sem sair.

Um dia, ele pediu pra ela se podia depositar um cheque em sua conta e ela disse: Claro! E então, alguns dias depois um senhor muito assustador foi procurá-la em seu trabalho e ela teve que fazer um cheque ali mesmo antes que ele dissesse a palavra horrível para a polícia. Estelionato. Então, quando voltou pra casinha amarela, pronta para jogar o ferro de passar no rapaz que agora lhe parecia muito feio, descobriu que ele não estava em casa. E durante vários dias, ficou sem notícias dele. Então um amigo lhe deu uma cachorra de companhia. A Jéssica. E ela se mudou de casa. Agora vemos a senhorita X falando com a Jéssica numa linguagem canina, numa casa com varanda e quintal e uma mesa feita com uma porta sobre uma caixa cheia de roupas. De vez em quando o rapaz ainda toca a campainha da porta e promete que não vai mais desaparecer. Mas então, uma noite o amigo — o da cachorra — vai buscá-la em casa para dar uma volta. A senhorita X já estava na universidade e conhecia vários outros rapazes. O amigo optou por um bar longe da universidade... Estranho... e perto do colégio onde ela havia estudado anos antes. Ela não entendia porque aquele bar de secundaristas, e não o do pessoal um nível acima, quase chegando aos 20 anos, mais a cara deles. Mas aí ela entendeu. Quando entraram no bar, viu o seu sol com uma menina no colo.

Ele ficou sem graça, mas foi ao carro buscar os cadernos da menina e depois quis levar a senhorita X pra casa. A senhorita X foi. A mesa que era uma porta sobre uma caixa de papelão cheia de roupas acabou num canto da sala. As roupas espalhadas pelo chão. A Jéssica fugiu de casa. E a senhorita X, inconsolável, foi morar na casa de uma amiga.

O que aconteceu depois foi muito triste. A senhorita X começou a receber muitas cartas cobrando contas que ela jamais tinha feito. Muitos cheques ficaram sem fundos e parecia um complô: todos os postos de combustíveis da cidade reclamaram pagamento. E ela nem tinha carro. Mas ele tinha. E ela lembrou da palavra horrível: estelionato. Resultado: a senhorita X estava endividada. Ela já tinha 20 anos e teria que trabalhar duro até os 25, pelo menos, pra pagar todas as dívidas feitas em seu nome. E nem sabia como iria pagar a universidade. O carro que ele usava também estava em seu nome. Ela estava frita! Foi morar com ele numa casa na favela. Com o dinheiro poupado do aluguel, da luz e da água talvez juntasse mais rápido o que precisava para pagar as dívidas. Ele nunca mais saiu de casa e quando ela chegava do trabalho, ganhava banho e comida quentinha. Ela queria ir embora, mas ele tinha um revólver. Os pais dela ficaram muito preocupados e fizeram até alguns empréstimos pra cuidar das dívidas dela. No lugar em que ela morava não se podia colocar roupas no varal. Não teria o que recolher quando secasse.

Na primeira vez que ele sumiu por uns três dias, ela colocou suas coisas num pequeno caminhão e foi morar num quarto e sala em cima de um salão de beleza. Cortou os cabelos e descoloriu. Avisou todo mundo no trabalho que se seu sol aparecesse era pra chamar a polícia. E ele não conseguia mais chegar perto dela. A senhorita X estava muito orgulhosa dos seus cabelos novos. A senhorita X foi conhecendo outras mesas e a senhorita X chamou todo mundo pra morar com ela. Mas, às vezes, a senhorita X se sentia sozinha e lembrava do tempo em que seu sol quase a sufocava de tanto abraço durante o sono. ■



IEDA MAGRI estreou na ficção em 2007 com *Tinha uma coisa aqui* (7Letras). *Olhos de bicho* (Rocco, 2013), seu primeiro romance, ficou entre os finalistas do Prêmio São Paulo de Literatura. Ainda é autora de *Ninguém* (7Letras, 2016) e de *Uma exposição* (Relicário, 2021). Ieda Magri também leciona Teoria da Literatura na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

música para todos

CDs e DVDs com descontos de até 60%
na Loja Sesc. MPB, samba, Jazz e muitos
outros estilos!

Acesse sescsp.org.br/loja



Foto: Coletivo Paulestinos

Lambe-lambes do coletivo Paulestinos estão espalhados por diversos pontos da cidade de São Paulo: provocações literárias e visuais desse grupo que faz parte da exposição *Xilograffiti*, em cartaz no Sesc Consolação, até 4 de setembro.

Versos urbanos

Numa cidade onde raízes de árvores rompem o chão de cimento, e uma flor nasce nas frestas de um trilho de trem, a poesia desafia o concreto e emerge aos olhos dos passantes. Versos rabiscados em muros, frases em lambe-lambes que abraçam postes de luz, desenhos a escalar empenas de prédios e outras intervenções poéticas nos aguardam, à espreita.

Aqui, a poesia habita vãos, esquinas, avenidas, praças, linhas de metrô, pontos de ônibus... Ela desperta, sorradeira, o trovador que existe em cada um de (tantos) nós. Ainda que desprevenidos de um lápis em punho ou qualquer tecnologia digital para registrá-los, os versos correm livres por São Paulo.

Pousam no chapéu que serve de vaso para plantas; provocam, com o vento, um abraço entre camisetas no varal; guardam a integridade de uma fileira de formigas a atravessar uma faixa de pedestres. Às vezes, é preciso fazer um esforço para alcançá-los. Mas, lá está: outra vida, outro objeto, outra situação a se metamorfosear. Ou como disse o escritor Manoel de Barros em *Matéria de Poesia* (1974):

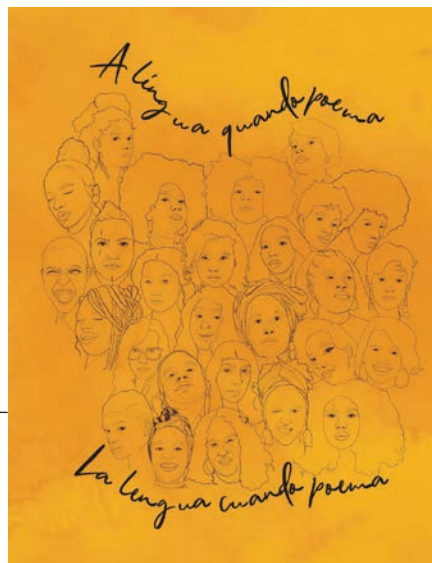
*Tudo aquilo que nos leva a coisa nenhuma
e que você não pode vender no mercado
como, por exemplo, o coração verde
dos pássaros,
serve para poesia.*

E você, já se atentou
para a poesia hoje?
Neste *Almanaque*, sugerimos
percursos, lugares, leituras e atividades
que desembocam em versos.

BATALHA POÉTICA

Slam das Minas

Criado em março de 2016, o Slam das Minas SP é um espaço de voz e de acolhimento para mulheres, travestis e pessoas trans compartilharem poemas que tratam de amores, dores e desafios diários. Além de ser um lugar de troca de ideias e de aprendizado, que tem a poesia como ponte para diálogos e conexões, o Slam das Minas SP é uma batalha poética realizada mensalmente, a partir da qual é possível conseguir uma vaga no Slam SP, campeonato estadual de poesia falada. E neste mês, dia 14 de agosto, às 15h, no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM), será realizada mais uma edição, que será a última, valendo uma vaga para a final, que acontece em setembro. A entrada é gratuita. Inscrições e mais informações: www.facebook.com/SlamdadasMinasSP. Conheça também *A língua quando poema – Uma coletânea de poemas latino-americanos* (2022), publicação da Baderna Literária que traz textos de poetisas latino-americanas participantes da 1ª Jornada Latines com a Slam das Minas SP, realizada em agosto de 2021. O livro é organizado por Carolina Peixoto e Pam Araújo e foi lançado em junho, no Sesc Pinheiros. Saiba mais: www.badernaliteraria.art.br/a-lingua-quando-poema.

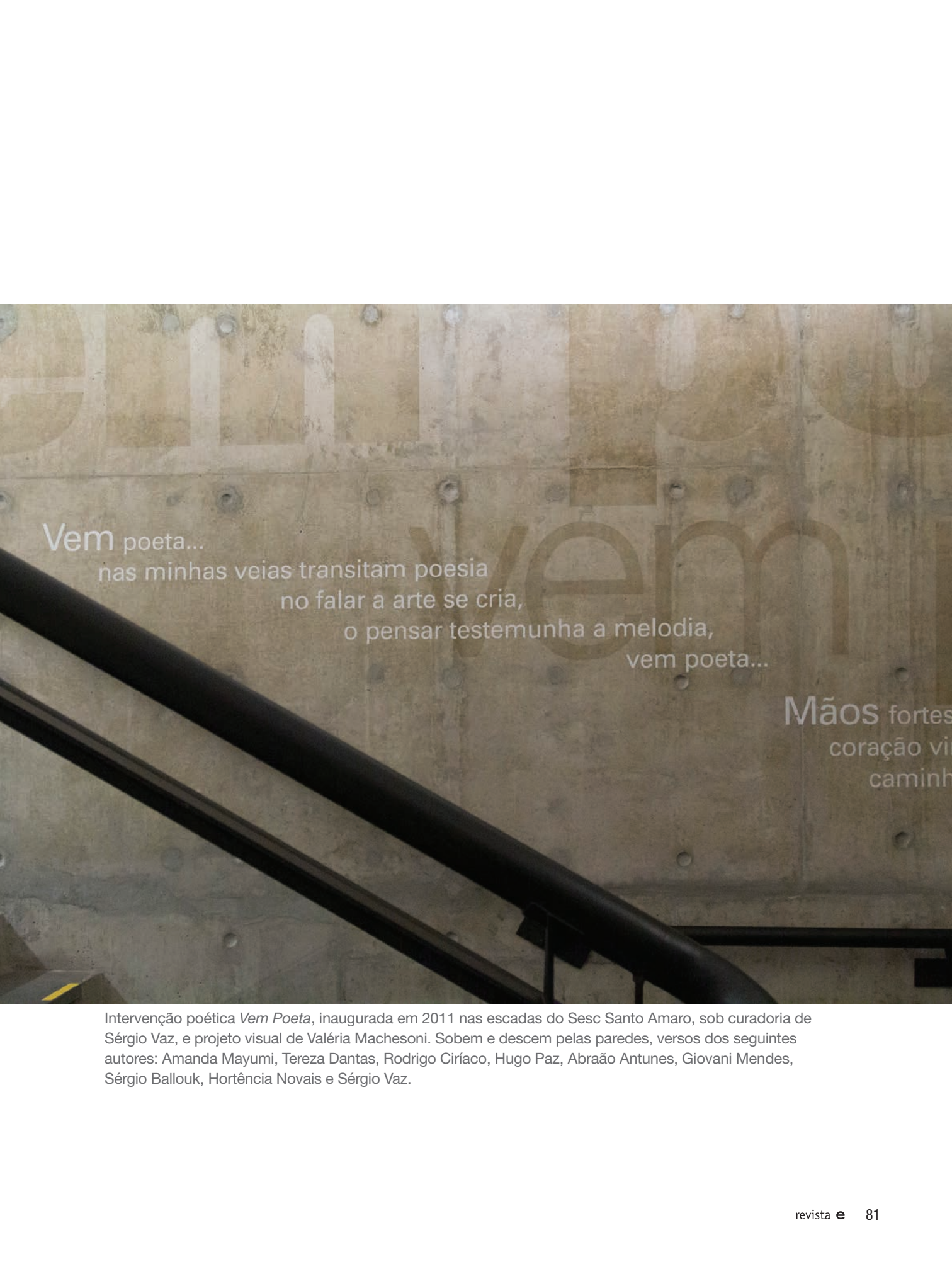


Divulgação



Fotos: Renata Armalin

o presente é o sempre desse
o presente é um momento



Vem poeta...

nas minhas veias transitam poesia

no falar a arte se cria,

o pensar testemunha a melodia,

vem poeta...

Mãos fortes
coração vi
caminh

Intervenção poética *Vem Poeta*, inaugurada em 2011 nas escadas do Sesc Santo Amaro, sob curadoria de Sérgio Vaz, e projeto visual de Valéria Machesoni. Sobem e descem pelas paredes, versos dos seguintes autores: Amanda Mayumi, Tereza Dantas, Rodrigo Ciriaco, Hugo Paz, Abraão Antunes, Giovani Mendes, Sérgio Ballouk, Hortência Novais e Sérgio Vaz.

e u

e v

o c

e u

ma

s ó

p e

s s

o a



Foto: Everton Ballarín

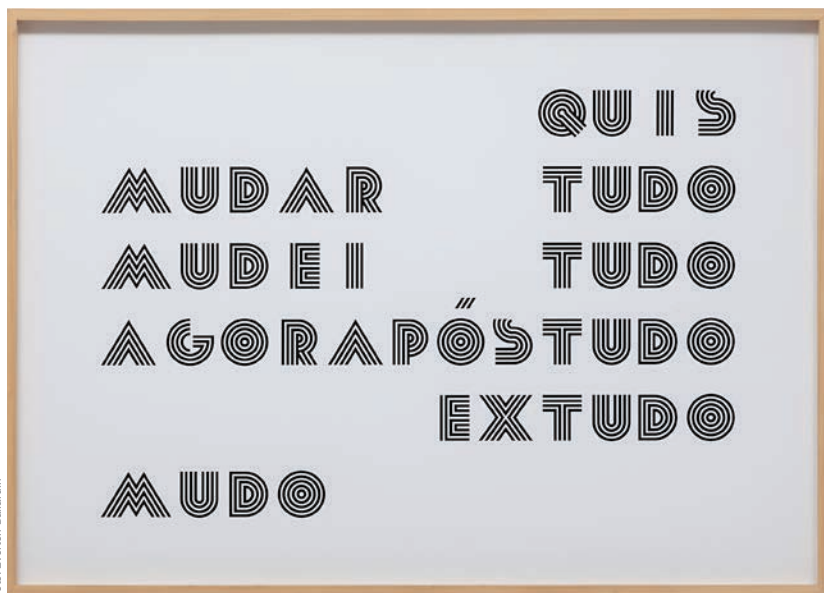


Foto: Everton Ballarín

Acima (detalhes) e abaixo, trabalhos do artista Augusto de Campos no Sesc 24 de Maio que compõem o Acervo Sesc de Arte, conjunto de obras que ficam expostas de forma permanente nas unidades do Sesc no estado de São Paulo.



Foto: Adriana Vichi



Foto: André Hoff

SARAU

A plenos pulmões

Como forma de incentivar a literatura escrita e falada, o sarau *A Plenos Pulmões*, idealizado por Marco Pezão, reúne poetas que desejam apresentar sua produção aos ouvidos de entusiastas dessa linguagem literária. O microfone fica aberto a todos, basta se inscrever presencialmente com os apresentadores, no dia do evento. Sob curadoria do poeta e articulador cultural Paulo D'Auria, a atividade, que é gratuita, será realizada no Jardim da Casa das Rosas (Avenida Paulista 37, Bela Vista, São Paulo - SP), dia 6 de agosto, sábado, das 16h às 18h. Informações:

www.casadasrosas.org.br

TEATRO

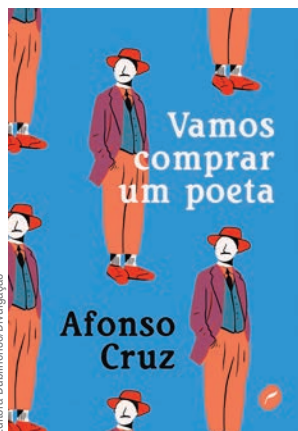
Chuva de poesias

Poemas de Manoel de Barros, Alice Ruiz, Fernando Pessoa, Paulo Leminski, entre outros gotejam na intervenção itinerante *Chuva de poesias*. Criada pelo Grupo Teatro Por um Triz, a ação é realizada por três atores que caminham com guarda-chuvas cantando e declamando poemas. Cada guarda-chuva abre para diferentes versos de autores e autoras. Depois de ter estreado em 2012, a intervenção segue respingando gotas de poesia nos últimos dez anos. *Chuva de poesias* será realizada de maneira itinerante em pontos do Bibliosesc, no Sesc Osasco. De 18/08 a 23/08, quinta, das 11h às 12h e das 14h às 15h. Saiba mais:

www.secsp.org.br/programacao/chuva-de-poesias



Foto: Jean-Charles Mandou



Editora Dublinense/Divulgação

LEITURA

Vamos comprar um poeta

Numa crítica bem-humorada à visão utilitarista da vida, o escritor português Afonso Cruz conta a história de uma família que decide “comprar” um poeta e levá-lo para casa, como se fosse um “animal de estimação”. O que acontece, no entanto, é que a ordem e os números que antes regiam o cotidiano desarranjam-se a partir das perguntas e versos declamados pelo poeta, gerando mudanças internas e nas relações entre os moradores da casa. O autor esteve presente na 26ª edição da Bienal Internacional do Livro de São Paulo, onde falou sobre *Vamos comprar um poeta* (Dublinense, 2020, 96 páginas) e outras obras.



Central de Atendimento do Sesc Av. Paulista



A EMISSÃO DA CREDENCIAL PLENA É GRATUITA E VÁLIDA POR ATÉ 2 ANOS EM TODO O BRASIL

OS EMPREGADOS COM REGISTRO EM CARTEIRA PROFISSIONAL, OS ESTAGIÁRIOS, OS TEMPORÁRIOS, OS DESEMPREGADOS HÁ ATÉ 24 MESES E AS PESSOAS QUE SE APOSENTARAM ENQUANTO TRABALHAVAM EM EMPRESAS DO RAMO DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO PODEM FAZER A CREDENCIAL PLENA DO SESC E TER ACESSO A MUITOS BENEFÍCIOS.

DOCUMENTOS NECESSÁRIOS:

• Funcionários empregados e desempregados:

Carteira profissional atualizada (impressa ou digital)

Documento de identidade

CPF

Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo.

No caso de desempregados, é considerado o prazo de 24 meses da baixa da Carteira Profissional, para fazer e utilizar a Credencial Plena.

• Estagiários:

Termo de compromisso ou carteira de trabalho, em que conste o número do CNPJ da empresa.

Declaração de matrícula com situação acadêmica

Documento de identidade

CPF

Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo.

A validade da Credencial corresponde ao período de vigência do contrato de estágio, não ultrapassando dois anos, cessando o direito à renovação após a rescisão.

• Temporários:

Carteira profissional atualizada (impressa ou digital)

Documento de identidade

CPF

Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo.

• Empregado com contrato suspenso temporariamente:

Carteira profissional atualizada (impressa ou digital)

Termo de acordo de Suspensão do Contrato de Trabalho

Documento de identidade

CPF

Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo.

• Aposentados:

É o empregado que se aposentou quando trabalhava com registro em carteira profissional, em empresa do comércio de bens, serviços e turismo.

Carteira profissional atualizada (impressa ou digital)

Carta de Concessão da aposentadoria ou Cadastro Nacional de Informações Sociais (CNIS)

Documento de identidade

CPF

Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo.

• Titular falecido:

O dependente cujo trabalhador, estagiário, temporário ou aposentado do comércio de bens, serviços e turismo é falecido, poderá requerer a Credencial Plena. Além dos documentos citados na lista de titular e dependentes, deverá apresentar também a certidão de óbito.

• Dependentes:

O titular (trabalhador do comércio de bens, serviços e turismo), pode incluir seus dependentes. Assim, a família também pode usar o Sesc! Veja a lista abaixo de dependentes:

• Filhos, enteados, irmãos, netos e tutelados (até 20 anos):

Certidão de nascimento ou documento de identidade

CPF

Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo.

Para os netos e enteados, além desses documentos, apresentar também documento que comprove o parentesco com o titular. E para os tutelados, comprovante de tutela.

• Filhos, enteados, irmãos e netos (entre 21 e 24 anos):

Documento de identidade

CPF

Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo.

Comprovante de matrícula ou pagamento recente de mensalidade em ensino superior, profissionalizante, pós-graduação (lato sensu, stricto sensu ou residência médica), preparatório para o ensino superior ou educação de jovens e adultos (EJA).

• Cônjuges:

Documento de identidade

CPF

Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo.

Certidão de casamento civil ou religioso; declaração de união estável lavrada em cartório ou declaração de união estável de próprio punho, neste caso, a certidão deve mencionar os nomes do casal, os números dos documentos de identidade e assinatura de ambos, além disso, em caso de credenciamento presencial nas unidades, é indispensável a presença do casal no ato do credenciamento.

• Pais e padrastos do titular:

Documento de identidade

CPF

Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo.

Para os padrastos e madrastras, é necessário apresentar documento que comprove união com o pai ou mãe do titular.

• Avós:

Documento de identidade

CPF

Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo.

Documento que comprove o parentesco com o titular.

PARA FAZER PELA PRIMEIRA VEZ A CREDENCIAL PLENA OU INCLUIR DEPENDENTES:

Accesse a Central de Relacionamento Digital ou baixe o app Credencial Sesc SP e verifique se você pode ter a sua Credencial Plena do Sesc São Paulo!

A Credencial Plena é o acesso para trabalhadores e dependentes ao uso dos serviços e programações nas Unidades do Sesc.

Sobre a Credencial Plena:

- É gratuita.

- Tem validade de até dois anos.

- Pode ser utilizada nas Unidades do Sesc em todo o Brasil.

- Prioriza os acessos às atividades do Sesc.

- Oferece descontos nas atividades e serviços pagos.

Para fazer ou renovar a Credencial Plena de maneira online e de onde estiver, baixe o app Credencial Sesc SP ou accesse o site Central de Relacionamento Digital.

Se preferir, nesses mesmos locais você consegue agendar seu horário para ir presencialmente em uma de nossas Unidades (compareça com a documentação necessária).

JUVENTUDES PELA ARTE

Uma revoada de vaga-lumes habitou-me, do anímico ao corpóreo, quando me perguntei o que haveria de mais precioso para comungar com vocês, desse rizoma, em escrevivências – partilhas autoetnográficas de uma travessia revolta e farta em duas décadas, sendo arrebatado pela educação. O que haveria de mais fértil, capaz de semear, germinar e florir o esperar? Aprendizados tantos, renascimentos inúmeros que meu corpo viveu e presenciou.

De 2002 a 2006, os jovens da Zona Sul – Jardim Ângela, Nakamura, Capão Redondo, Valo Velho, Embu das Artes, Guarapiranga, João XXIII – ensinaram-me a “sevirologia” [do verbo “se virar”]. Mesmo na escassez, conseguem ser invençanáticos, encontrando respostas altamente criativas! Achadouros ancestrais, passados de “mão em mãe”. Apoiei minhas ações em Paulo Freire. Com as Juventudes do Pará, Amazonas, Bahia, Pernambuco e Ceará, de 2007 a 2011, confirmei que Leonardo Boff tem razão ao afirmar que “os olhos veem a partir de onde os pés pisam”. A existência de outras cosmovisões, epistemologias do SUL [proposta epistemológica, defendida pelo sociólogo Boaventura de Sousa Santos, que sugere a adoção de uma consciência que supere o imaginário dominado pelo eurocentrismo, colonialismo e patriarcado, valorizando as tradições do Sul Global e os saberes decoloniais].

Renasci em Taipas, no projeto Ademar Guerra, na Zona Norte de Essepê, num rito iniciático, de passagem – lembrando as construções do corpo na sociedade Xinguana dos Yawalapiti. Mas, foi no final de 2015, no Sesc Bom Retiro, quando me tornei educador no Programa Juventudes, que iniciei um processo doloroso e o mais intenso, junto a territórios diversos do centro da cidade de São Paulo. Compreendi profundamente o significado de juvenicídio, racismo estrutural, necropolítica, *desplaziamento*, marcadores sociais. Iniciava ali uma nova fase. Em Paulo Freire, João Clemente de Souza Neto, Milton

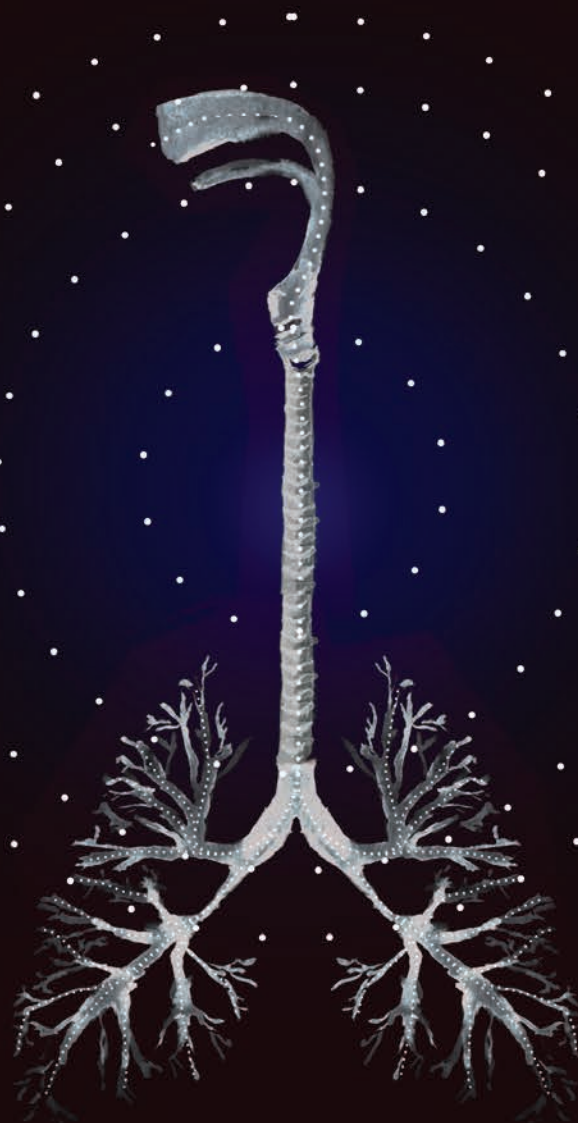
Santos, Ana Mae Barbosa, Henri Wallon, bell hooks, Donald Woods Winnicott, José Manuel Valenzuela Arce e Silvia Rivera Cusicanqui – busquei sustentação. Muitas foram as atividades ao longo de sete anos, teatro, dança, música, cinema, artes plásticas, moda, culinária, trabalhos com a terra, visitas a espaços culturais, *podcasts*, novelas radiofônicas, derivas...

Em 2017, o projeto Eixos, do Programa Juventudes – Sesc São Paulo – Bom Retiro, teve a participação de 297 jovens moradores das favelas do Moinho, do Gato, da “favelinha da Barra Funda” (escrevo favela por orientação dos jovens), das ocupações Mauá, Prestes Maia, São João, Cine Marabá, do póstumo Ed. Wilton Paes de Almeida, das pensões do entorno, da equivocadamente nomeada “Cracolândia”. Nesse projeto, vivenciamos o diálogo, o respeito, a valorização do outro, uma lógica antagonica àquela descrita em *Vigiar e Punir* [obra do filósofo francês Michel Foucault publicada em 1975], a docilização dos corpos, com seus quadriculamentos a colocar limites. Plantamos, experimentamos novos sabores e saberes, cartografamos em corpografias, rasgamos e remendamo-nos em identidades estéticas. “Atoralizamos” em Augusto Boal.

Hoje, agradeço as Juventudes por enlarguarem e aprofundarem minhas antes tão ingênuas e míopes leituras e interpretações sobre a vida e sobre as possibilidades de um currículo para a ação pedagógica. Tenho a certeza de que só por meio de afeto, amor, vínculo e compromisso é que qualquer prática em artes será acolhida pelos educandos. Pulsam em minhas células, por não cometer o epistemicídio, a batida vibrante do *funk* e o passinho; a caligrafia do pixo a gritar nos beirais da cidade; os códigos e regras aquém de um Estado em decomposição; as falas ignoradas pela sociedade que não reconhece essas juventudes. Jovens que ampliaram em mim a alegria e a vontade de viver! A consciência de que a arte, a partir de um currículo crítico-emancipador, é necessária a esses jovens, no sentido freireano de humanização. ■

RAFAEL GHIRARDELLO é pedagogo, arte-educador, diretor de teatro, artista plástico e ator. Graduado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) em Comunicação das Artes do Corpo e mestrando do Instituto de Artes da Universidade Estadual de São Paulo (Unesp). Atua como educador em atividades infantojuvenis no Sesc Interlagos.





SÉRIE EM 4 EPISÓDIOS

RESPIRAÇÃO EM 4 ATOS

APRESENTADA POR IVALDO BERTAZZO

O funcionamento do nosso sistema respiratório e o que podemos fazer para mantê-lo saudável a partir do Método Bertazzo.

ESTREIA 5 DE AGOSTO, 19 HORAS

Assista em sesc^{tv}.org.br/respira

